

Departamento de Sociologia

O Humor em Protestos de Rua.  
As manifestações anti-austeridade como espaços de discurso  
(in)formal e criativo

Pedro Manuel Pinto Caldeira Pais

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação – Cultura e Indústrias  
Criativas

Orientador(a):  
Professora Doutora Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva, Professora  
Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017



Departamento de Sociologia

O Humor em Protestos de Rua.  
As manifestações anti-austeridade como espaços de discurso  
(in)formal e criativo

Pedro Manuel Pinto Caldeira Pais

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação – Cultura e Indústrias  
Criativas

Orientador(a):  
Professora Doutora Rita Maria Espanha Pires Chaves Torrado da Silva, Professora  
Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2017

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Rita Espanha, que me ajudou com a sua orientação e se mostrou sempre disponível.

Quero também agradecer ao Professor Doutor Jorge Vieira, que me auxiliou, nomeadamente, numa fase inicial da Dissertação, incentivando à sua realização.

Agradeço a todos os entrevistados, pelos quais a simpatia e a disponibilidade de auxílio se revelaram transversais.

À minha família. Ao meu pai e à minha mãe, aos meus avós e ao meu irmão.

Uma palavra especial para os meus amigos Marta, Adelino, Daniel, Laura, Cláudia, e à Francisca, que acompanhou mais de perto a realização deste trabalho e a quem agradeço o seu apoio e força.

**Resumo:**

Esta investigação procura compreender o papel do humor e do discurso criativo e informal em protestos e movimentos sociais em Portugal, entre 2011 e 2013, período em que se verificaram manifestações de grande dimensão que contestavam políticas sociais e económicas. Foi utilizado o método de Análise Crítica do Discurso para analisar imagens de um protesto do *Que se Lixe a Troika*, bem como de uma manifestação organizada pelos sindicatos, de modo a comparar o discurso entre ambos, tendo também sido analisadas entrevistas a ativistas e sindicalistas que participaram em manifestações e movimentos neste período. Sendo confirmada uma utilização profícua de humor e discurso informal no protesto do *Que se Lixe a Troika*, em comparação com uma linguagem historicamente formalizada no protesto dos sindicatos, esta investigação conclui que tal se deve a um menor grau de institucionalismo e a objetivos futuros coletivamente pouco definidos, baseados numa identidade de resistência, a uma cultura de protesto de partilha positiva e otimista, bem como à preocupação, por parte de muitos dos ativistas, em recriar a sua comunicação, tanto linguística como esteticamente. São também discutidas as vantagens do humor no que diz respeito ao protesto social, nomeadamente o seu papel na divulgação de um problema social no âmbito público, o que contrasta com a sua pouca utilidade na discussão formal e política do mesmo.

**Palavras-chave:**

Humor; protesto social; movimentos sociais; criatividade; institucionalismo; cultura de protesto; identidade coletiva; estratégia comunicacional; mudança social.

**Abstract:**

This research seeks to understand the role of humor, creative and informal discourse in social protests and movements in Portugal, between 2011 and 2013, during which there were several large demonstrations that challenged social and economic policies. The Critical Discourse Analysis method was used to analyze images of a Troika protest and another organized by the unions, in order to compare the discourse between the two, and there were also conducted interviews with activists and trade unionists who participated in protests and social movements during this period. A profuse use of humor and informal discourse in the protest of the Troika, in comparison with a language historically formalized in union protest, is confirmed. This research concludes that this is due to a lesser degree of institutionalism and a less defined collective goals, based on an identity of resistance, to a positive, optimistic and sharing culture of protest, as well as to the concern of many activists to recreate their communication, both linguistically and aesthetically. Also discussed are the advantages of humor in relation to social protest, namely its role in publicizing a social problem in the public sphere, which contrasts with its little utility in the formal and political discussion of it.

**Keywords:**

Humor; social protest; social movements; creativity; institutionalism; culture of protest; collective identity; communication strategy; social change.



## Índice

Introdução.....	1
I. Revisão de literatura .....	2
1. O humor, o poder e o protesto social .....	2
1.1 O humor: teorias e metodologias.....	2
1.2. A influência do humor político na sociedade contemporânea: a relação entre autoridade e humor .....	3
1.3. O papel do humor em conflitos sociais e políticos: grupos e identidades.....	6
2. Movimentos sociais e institucionalização .....	9
2.1 Movimentos sociais: os <i>velhos</i> , os <i>novos</i> e os <i>novíssimos</i> .....	9
2.1.1 Velhos e novos movimentos sociais: o movimento operário do séc. XIX e as novas ações coletivas do séc. XX.....	10
2.1.2 Novíssimos movimentos sociais: acontecimentos recentes de protesto.....	12
2.2 Movimentos sociais em Portugal: um breve enquadramento histórico.....	13
3. Liberdade discursiva e informalidade comunicativa: o discurso criativo e humorístico contextualizado.....	15
3.1 Cultura de protesto: a partilha positiva num espaço de indignação .....	15
3.2 O discurso e o seu contexto .....	16
3.3. Liberdade comunicativa e institucional: breves exemplos de diferenças discursivas .....	18
II. Análise de resultados e considerações finais.....	20
4. Metodologia: análise discursiva de imagens e entrevistas .....	20
4.1 Análise discursiva de imagens: as manifestações do 15/Set e do 14/Nov .....	21
4.1.1 Diferenças gerais no contexto e no discurso.....	21
4.1.2 Humor e originalidade no 15/Set: a abrangência do <i>Que Se Lixe a Troika</i> como espaço para a informalidade .....	22
4.1.3 Os sindicatos e o 14/Nov: uma linguagem historicamente formalizada .....	23
4.2 Entrevistas: análise do discurso a ativistas e sindicalistas.....	25
4.2.1 O carácter institucional dos movimentos sociais e sindicais .....	26
4.2.1.1 As redes sociais como arma dos ‘desinstitucionalizados’ .....	29

4.2.2 Objetivos reivindicativos: o turbilhão de indignações da <i>Geração à Rasca</i> e do <i>Que se Lixe a Troika</i> .....	31
4.2.3 O ambiente dos protestos: influências discursivas mediante a envolvimento	34
4.2.4 O processo criativo: espaços para a criatividade e o humor .....	35
4.2.5 A utilização do humor nas manifestações: utilidade, funções e identidade..	38
Considerações finais.....	43
Referências bibliográficas.....	45

## **INTRODUÇÃO**

Esta investigação procura compreender de que forma os movimentos sociais em Portugal percebem o humor, a criatividade e o discurso informal, relacionando a sua comunicação em protestos entre 2011 e 2013 – fase de forte contestação a políticas económicas e sociais –, com o seu carácter institucional, os objetivos políticos e coletivos a alcançar, ou ainda o tipo de cultura de protesto existente em tal período.

Pretende-se assim comparar a comunicação em instituições sindicais, como é o caso da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional (CGTP), que possui um cariz fortemente institucional e organizativo, com associações menos institucionalizadas, como são exemplos os grupos que compuseram o movimento Que se Lixe a Troika – Queremos as nossas vidas (QSLT), criado em 2012. A análise centra-se no discurso dos atores reivindicativos e debate o papel do humor relativamente ao poder político e institucional, nomeadamente o seu papel dentro de um protesto de rua.

A escolha por este tema prende-se, em primeiro lugar, com o desafio em estudar uma área que parece algo preterida em termos sociológicos, como é a do humor. Pelo contrário, este trabalho pressupõe a expressão humorística como uma característica humana e social única, próxima da criatividade e da informalidade discursiva, e a sua ligação com a temática da transformação social tem razões de fundo: a vontade em perceber por que temas tão sérios, como por exemplo o da precariedade, são lidados com humor, quais as condições necessárias para o humor se revelar em tal contexto, ou ainda compreender as vantagens e desvantagens que uma mensagem humorística detém no espectro público e reivindicativo.

A Dissertação divide-se em duas partes. Na primeira, de revisão de literatura, são discutidos vários dos conceitos que constituem a investigação, nomeadamente o lugar do humor na sociedade e a sua relação com o poder, a criatividade ou o discurso de um modo geral. Na segunda parte, são discutidos os resultados consequentes da metodologia utilizada. São analisados discursivamente cartazes de dois protestos de 2012, um organizado pelo QSLT e outro pelos sindicatos, bem como foram efetuadas entrevistas a ativistas e sindicalistas, que permitem compreender as motivações e estratégias por parte de cada facção reivindicativa e, desse modo, retirar algumas conclusões quanto à liberdade humorística e criativa num âmbito de protesto e movimento social, referente a tal fase histórica, política e social.

## I. REVISÃO DE LITERATURA

### 1. O HUMOR, O PODER E O PROTESTO SOCIAL

#### 1.1 O HUMOR: TEORIAS E METODOLOGIAS

Um dos desafios no estudo sociológico do humor, nomeadamente a sátira política, é perceber qual a sua real influência no processo democrático e na descaracterização social dos atores políticos envolvidos. De que forma se mede esta influência? Será tal medição, porventura, sequer possível? Para melhor compreender estas questões, e tendo a noção de que a sua medição é um propósito de difícil análise para vários autores, importa em primeiro lugar perceber o que é o humor e o discurso humorístico. No âmbito das ciências sociais, consideram-se três teorias gerais do humor, que detêm diferentes pontos de foco (Tabacaru, 2015: 116; Anagondahalli e Khamis, 2014: 2; Kutz-Flamenbaum, 2014: 295; Sørensen, 2014; Foot & McCreddie, 2006): a «teoria da superioridade», que estabelece o objetivo do humor como alguém se colocar de alguma forma acima e possuir determinada superioridade, resultando, de algum modo, na ridicularização do outro; a «teoria do alívio», de índole *freudiana*, em que o humor e o riso são vistos como resultantes de tensões – normalmente sexuais – por parte do indivíduo, servindo como uma espécie de válvula de escape; e a «teoria da incongruência», que se foca no discurso humorístico como algo incoerente, que transgride determinada norma, havendo, para que a piada seja compreendida, e usando-se de referências significantes, a compreensão de tal incoerência.

De algum modo, e aceitando que nenhuma destas teorias explica isoladamente a questão do humor (Foot & McCreddie, 2006), havendo por isso a distância com qualquer determinismo teórico, podem ser retiradas, para esta investigação, algumas características de humor dentro do protesto social. Destes, têm-se nomeadamente aspetos da teoria da superiorização e da teoria da incongruência, sendo que, no que concerne a esta última, os protestos têm, em anos mais recentes, apresentado discursos humorísticos e incongruentes em cartazes, pequenos teatros de rua ou episódios recorrentes de teor crítico, simbólico e humorístico (Pais, 2014; Romanos, 2012). Esta utilização permanente de referências através de tais meios permite também, aliás, a maior proximidade entre humor e criatividade num âmbito de protesto.

Contudo, e tendo em conta uma dimensão mais ligada a uma cultura de protesto, um dos aspetos aparentemente paradoxais do humor dentro do protesto social é o facto de alguns indivíduos em situações precárias ou com algum tipo de dificuldade individual ou familiar, ou, também, com preocupações coletivas proeminentes, manifestarem a sua indignação não necessariamente com raiva ou

agressividade, mas com humor. Em todo o caso, pois, o discurso humorístico parece uma ferramenta útil na consciencialização, por parte dos indivíduos, da sua condição humana, detendo um papel interessante – e não negligenciável – na forma os homens reorganizam a sua forma de olhar o mundo que os envolve (Watson, 2014).

Já partindo mais de um ponto de vista grupal, o humor num protesto reflete uma relação de forças numa perspectiva coletiva, pois ele existe dentro de um conflito social que resulta de hierarquias e relações de poder, aspetos com frequência presentes, também, num discurso humorístico (Kuipers, 2006). Neste âmbito, tenha-se em conta – no seguimento de uma das teorias – a possibilidade do humor como ferramenta para, mesmo que sem qualquer efeito prático senão o riso, se tornar um catalisador com o fim de ridicularizar determinada entidade que possui um *status* social de algum modo superior, como um político ou um Banco, e a conseqüente superiorização de alguém efectivamente menos poderoso. Mesmo que por instantes, a piada pode promover um sentido de superioridade a alguém que efetivamente não o terá, como se as convenções de classe e de *status* fossem por momentos esbatidas ou até invertidas. Por outro lado, numa sociedade democrática o humor estabelece-se como um ato social mais aceitável pela transversalidade dos indivíduos (Anagondahalli e Khamis, 2014), aspeto que promove a sua utilização mais recorrente e torna menos unilateral o humor, utilizado tanto numa perspectiva de contra-opressão, como de algum tipo de controlo social (Speier, 1998). Primeiramente, e no contexto da influência do humor no processo político, é precisamente esta relação entre autoridade e humor que será analisada, de seguida, de forma mais pormenorizada.

## **1.2. A INFLUÊNCIA DO HUMOR POLÍTICO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: A RELAÇÃO ENTRE AUTORIDADE E HUMOR**

Na sociedade contemporânea, uma das questões principais no que se refere ao humor satírico é a se este tem, de facto, alguma influência no processo político. Não é sensato responder definitivamente a esta questão, pelo menos não quanto à porção real de influência que terá. Como em qualquer processo social, são vários os fatores que contribuem para a perceção e comportamento dos indivíduos.

Por outro lado, parece também pouco sensato desvalorizar a dimensão humorística num processo político, se esta se revela uma dimensão notada. Tome-se um exemplo recente. Donald Trump, provavelmente o candidato presidencial americano mais ridicularizado de sempre, satirizado com frequência em programas como o Saturday Night Live, o Daily Show ou o Late Show, não pareceu, dada a sua vitória, ter sofrido conseqüências. Partindo do seu caso, quererá isto dizer que o

humor não tem qualquer influência real nas percepções das pessoas? E, a isto, poderá ainda perguntar-se: não se terá tornado esta quase perseguição humorística – a Trump – uma prática demasiado generalizada da qual terá resultado alguma indiferença ou, possivelmente, uma certa comiseração por parte de algum eleitorado? É certo, como se disse, que o humor é apenas um fator no que se refere a tais eleições, pertencendo estas a um determinado contexto social, político, económico e de média, que influenciam as percepções dos eleitores. Por outro lado, não é de menor importância ressaltar que parece ocorrer nos dias de hoje, nomeadamente nos EUA, país onde os comediantes possuem espaços televisivos com maior assiduidade e audiência, a consciência de uma influência do discurso satírico no processo informativo e pedagógico dos cidadãos (Beavers, 2011: 416; Feldman, 2007). Ora, se o humor é considerado, tanto na psicologia como noutras áreas, uma dimensão importante nas relações pessoais, afetivas ou laborais (Fine, 1983: 165; Romero & Cruthirds, 2006; Hall, 2013; Lussier et. al., 2017), também no âmbito político e social o humor terá um papel de interdiscursividade nos conflitos de poder entre grupos menos e mais institucionalizados. A sátira humorística, em especial, revela-se como uma estratégia útil para revelar falhas no comportamento ou no discurso de determinados grupos e indivíduos, pois o que a distingue é a dimensão moral na crítica que produz (LeBoeuf, 2007). E esta essência moral tanto pode ser produzida por um comediante, como por um indivíduo anónimo num protesto, pois ao ridicularizar uma situação de precariedade, por exemplo, um manifestante satiriza uma realidade que colide com o que considera a imoralidade adjacente à situação precária das pessoas.

Esta crítica satírica envolve também o reconhecimento de uma relação hierárquica e de poder, cingindo-se a uma mensagem, como refere Speier (1998), de *baixo para cima*, cujo objetivo principal será o de revelar a hipocrisia de uma situação (Foot & McCreddie, 2006). Em termos históricos, alguns autores referem que em séculos anteriores o humor e o protesto eram menos frequentes, e destacam o carnaval como um evento ritualizado onde indivíduos de classes urbanas inferiores, normalmente mascarados e com um intuito jocoso, expressavam a sua hostilidade em relação ao poder estabelecido (Bruner, 2005; Hart, 2007). Também a publicação satírica começou a ser usual nos tempos modernos, que, utilizando a sua maior disseminação pública, criticava o poder formal recorrendo a elementos do imaginário popular e festivo, através dos quais o humor se tornou uma ferramenta útil e facilitadora no que concerne à mensagem produzida (Hart, 2007: 5). De facto, o conteúdo jocoso de certas piadas demonstra que a ironia e o sarcasmo são elementos essenciais da sátira, que lida, como se disse, com questões morais, relacionadas com determinados grupos ou indivíduos em conflito (Hiller, 1983: 256).

Por estas razões, o humor pode também ser uma pista histórica para compreender as relações de poder. No contexto soviético, o conteúdo de muitas piadas populares, que na sua forma continuaram as mesmas ao longo das décadas, criticavam de forma explícita questões ligadas ao poder governamental, bastando a mudança dos intervenientes das piadas – como sendo numa Lenine e, numa outra, por exemplo, Gorbatchev – para continuar a ter piada (Davies, 2007). O que este tipo de humor demonstra, sucedendo o mesmo em protestos sociais – nos quais, de certo modo, o humor se revela uma forma de expressar um desrespeito coletivo (Wedeen, 2013) –, é precisamente a dicotomia entre uma facção menos poderosa e outra que possui um poder legítimo e uma responsabilidade formal, e que existe numa perspetiva mais autoritária. Existe por isso uma relação de forças da qual a linguagem, no caso humorística, se reflete.

Ora, pode dizer-se que tal dificuldade na relação entre autoridade e humor vem já de longe. No diálogo *República*, Platão refere-se ao humor de um modo pejorativo, alertando a indivíduos de classes superiores que o próprio acto físico do riso faria com que o controlo sobre os desejos e as emoções se perdessem (Bardon, 2005). E também na Bíblia se verifica uma visão pouco abonatória, senão do humor, do próprio acto de rir, e na sua relação com a autoridade. Para além do carácter evidentemente sério e directo que a escrita bíblica produz, existe mesmo a preocupação de Deus quanto a Sarah, que, já envelhecida e, como a Bíblia sugere, “sem o costume das mulheres”, se ri para si do desejo de Deus em que seja ela a gerar um filho de Abraão. A mulher, temendo a ira do Senhor, diz que não se riu, mas Deus, em tom desafiador, e após sublinhar ser capaz de tal assombro devido ao seu enorme poder, fê-la perceber que de facto se rira<sup>1</sup>.

Este conflito entre autoridade e humor não acontece, porém, apenas numa perspetiva completamente autoritária ou opressora – como serão os casos das ditaduras, onde as facções dominadas e dominantes se revelam claras. Neste sentido, Estanque chama a atenção para a crescente subjectividade da oposição nas sociedades democráticas atuais, já que os alvos inimigos das facções que recorrem ao protesto social tendem a ser grupos não muito concretos, como é o exemplo da *Troika* ou até do denominado «sistema», tanto político como financeiro (Estanque, 2014). A relação de autoridade e de forças na democracia não é, assim, de uma evidência tão clara, sendo que num paradigma democrático de relação entre poder formal e restantes grupos, a caracterização do humor torna-se também menos nítida do que num regime evidentemente opressor. Num ambiente democrático, para além de o

---

<sup>1</sup> A Bíblia, o livro do Génesis (18:12-15).

humor não possuir restrições e ser tendencialmente igualitário e abrangente (Anagondahalli e Khamis, 2014: 3), pode também ser utilizado tanto numa discussão política, através, por exemplo, de uma piada dita por um deputado a outro, como por um cidadão em relação a uma qualquer entidade política, sem que, juridicamente, isso lhe possa vir a prejudicar. De facto, se o humor – na forma de uma piada – pode ser utilizado de *baixo para cima*, pode também funcionar como defesa por parte dos atores políticos, tornando-se um utensílio de fuga a questões politicamente desafiantes (Speier, 1998: 1355). Para se ver o humor como arma, pois, deve igualmente ser tida em conta a sua utilidade como um mecanismo de controlo social.

### **1.3. O PAPEL DO HUMOR EM CONFLITOS SOCIAIS E POLÍTICOS: GRUPOS E IDENTIDADES**

A base analítica deste projeto parte da perspetiva do humor e do discurso satírico perpetrado pelos atores que promovem a mudança social como uma ferramenta relevante na desconstrução de discursos e práticas de entidades e atores político-institucionais. E esta forma de expressão, dentro de um protesto, resulta de um contexto social em conflito (Hiller, 1983). O conceito de conflito aqui abordado pressupõe uma dimensão grupal, sendo que, no seguimento do que diz Touraine, um movimento social existe sempre numa relação de conflitualidade e de oposição em relação a uma dominação que se quer repudiar (Pais, 2014: 84). A linguagem humorística tem portanto de ser contextualizada, porque reflete as características do conflito, mais ou menos agressivas, ou mais ou menos emocionais.

De uma forma geral, então, o humor não pode ser visto da mesma forma por todas as culturas. A forma de comunicar e recepcionar o que tem piada é distinta mediante classes, géneros, grupos ou épocas (Kuipers, 2006: 231). Deste modo, e como em qualquer relação social, uma piada só pode ser entendida – e apreciada – por grupos ou entidades providos de referências simbólicas tendo em conta o contexto em que o humor é produzido, ou, por outro lado, por alguém de fora que compreenda referências desse grupo (Fine, 1983: 169). É por isso mais uma forma comunicativa (Foot & McCreddie, 2006) e, como em todas essas formas, o seu conteúdo e significado resultam de um contexto referencial e interaccional que tem de ser compreendido (Kutz-Flamenbaum, 2014: 296). Do mesmo modo, também o humor no âmbito de um protesto social tem de ser percebido no contexto desse protesto. Tal como em praticamente todos os aspetos da vida social, para determinar, a saber, de que forma o humor é utilizado por movimentos ou perceber qual o papel das expressões humorísticas e as suas vantagens e desvantagens, é necessário

compreender os contextos de determinado movimento ou protesto, o que implica conhecer a sua organização, a legitimidade política que possui, os objetivos e o que reivindica, bem como tomar conhecimento da sua oposição.

Mas, de qualquer forma, ao falar-se de referenciais dentro de um grupo fala-se, também, de identidade coletiva em movimentos sociais, isto é, de interesses e referenciais coletivos com base numa ação comum (Poletta & Jasper, 2001), aspeto que pode estar relacionado com o humor – e até, possivelmente, ser reforçado por ele. Como defende Hart (2007), o humor pode fortalecer laços entre os próprios ativistas, ajudando a construir afecto, solidariedade e lealdade coletiva (Hart, 2007: 12). E, segundo a mesma autora, para o humor ser utilizado num protesto é necessária a existência de uma identidade coletiva já estabelecida, de modo a que, precisamente, o conteúdo humorístico seja entendido por todos os atores discursivos e passe, dessa forma, a mensagem correta (Hart, 2007: 17). Por outro lado, a existência de humor pode também ajudar, num grupo em que a identidade não seja ainda muito estabelecida, a criar uma identidade colectiva mais forte (Sombatpoonsiri, 2015).

Esta identidade coletiva de que se fala reforça também uma situação de conflito entre grupos, do qual se reflete o humor. Zelizer (2010) argumenta que em áreas que têm ou tiveram situações de conflito aberto, como a Colômbia, a Irlanda do Norte ou a Bósnia-Herzegovina, tornou-se frequente um grupo fazer piadas sobre o outro (Zelizer, 2010: 2). O uso de humor dentro deste tipo de conflito não é surpreendente, já que esta forma comunicativa pode expressar uma malícia recôndita, podendo por isso ser considerado um bom dispositivo em situações deste tipo (Goodchilds & Smith, 1964: 24). De resto, existem outros exemplos de movimentos sociais que utilizaram o humor para melhor fazerem passar a sua mensagem, como são os casos, nos anos 80, do movimento separatista do oeste do Canadá, ou o «Muhajir Quomi Movement», no Paquistão, que através de humor agressivo e do exacerbamento grotesco, procurou mobilizar cidadãos marginalizados, explorando estereótipos étnicos e religiosos (Hart, 2007: 10). Em ambos os casos, como em outros, o humor reforça, pois, a identidade coletiva, pegando nos interesses, objetivos ou mensagens perpetrados pelo movimento e criando outras formas de os fazer passar, com o objetivo de ganhar algum capital político. E mais recentemente, com o *Occupy Wall Street*, verificaram-se também protestos com bastante humor e com características carnavalescas (Tancons, 2014).

Um dos aspetos principais para o uso possivelmente mais frequente do humor em protestos e movimentos, desde as últimas décadas, pode ser o seu carácter mediático. Segundo Hart (2007), expressões humorísticas, seja em cartazes ou em pequenas formas teatralizadas, que requerem o uso de trajes e expressões

dramatizadas, são úteis para a difusão da mensagem que se quer passar, já que o seu carácter de impressão repentina promove a que seja notada, não apenas por uma transversalidade da população, que, pertencendo de alguma forma ao grupo, perceberá a piada, mas também pelos próprios média, que podem notar e reportar este tipo de expressões menos habituais (Hart, 2007: 18). Romanos (2012) fala mesmo de uma relação em crescendo entre protesto e humor ao longo dos últimos anos devido, em boa medida, ao papel importante da cobertura de imprensa de tais formas de expressão (Romanos, 2012: 4). O humor pode assim ser uma boa forma de chamar a atenção mediática, sendo uma das ferramentas comunicacionais utilizadas pelos atores reivindicativos e possuindo um papel de destaque por, precisamente, inferir num tipo de linguagem ou comportamento pouco formalizados e de crítica aparentemente menos directa e algo circular (Gordon, 2014).

## **2. MOVIMENTOS SOCIAIS E INSTITUCIONALIZAÇÃO**

### **2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS: OS VELHOS, OS NOVOS E OS NOVÍSSIMOS**

Propõe-se então para esta investigação o estudo da comunicação produzida pelos atores de movimentos sociais mais e menos institucionalizados. Para tal, é necessário perceber as condições necessárias para a existência de um movimento e a sua forma de organização, bem como que tipos de movimentos podem existir nas sociedades atuais. O humor, pois, será por momentos deixado de lado.

Antes, porém, algumas considerações sobre os aspetos gerais dos movimentos. Também devido a uma questão de espaço, não se pretende nesta Dissertação uma apresentação prolixa dos movimentos sociais, embora seja sensata uma preocupação para que, como refere Touraine (1985), não se vulgarize o conceito de movimento social, tornando-o demasiado vago (Touraine, 1985). Porém, uma tentativa inicial de definição geral: um movimento social pode ser definido como uma rede de interação informal entre uma pluralidade de indivíduos ou organizações, juntos numa identidade coletiva que tem por base um conflito político ou cultural (Laer & Aelst, 2010: 1147). Sendo que existem nesta tentativa, já, alguns conceitos que ajudam a entender inicialmente a temática, como rede, identidade coletiva ou conflito, e tendo em conta diferentes dimensões de conflitos sociais e organizações de ações coletivas, podem ser identificadas, segundo ainda Touraine, três componentes transversais aos movimentos, interdependentes entre si: a Identidade da ação e dos atores, isto é, pelo que se definem; a sua Oposição, ou seja, que adversário detêm; e a sua Totalidade, por outras palavras, por que lutam (Touraine, 1985: 760-76; Dibben, 2004). Dentro de um movimento social existe assim, sempre, uma relação entre grupos ou fações conflituosas e a materialização cultural ou política que está em causa.

Por outro lado, para além da teorização sobre definições de movimentos sociais, importa também compreender de que forma estes podem ser identificados. De acordo com Estanque (1999), de uma forma geral pode caracterizar-se um movimento social tendo em conta o que o despoletou, que tipo de planeamento tem, o tipo de estruturas e associações que a compõem, a sua essência ideológica, que recursos de mobilização foram usados, qual a sua legitimidade política e argumentativa, que adversário(s) possui, bem como que resultados subsequentes foram alcançados após cada ação (Estanque, 1999: 105-106). Já Fonseca (2014) propõe algumas categorias através das quais se podem identificar os diferentes movimentos, a saber, através das suas formas de mobilização, a sua dimensão, a sua logística, a sua agenda, o seu poder social transformativo, o tipo de sujeito para cada movimento, bem como o tipo

de militância, isto é, que afetividade ideológica (ou ausência dela) possui em relação ao movimento (Fonseca 2014: 261). Estes variados indicadores permitem estabelecer similitudes e distinções gerais entre os movimentos, aspetos que serão ligados ao significado discursivo dos seus membros, nomeadamente em situações de protesto. E paralela, pois, a esta questão da organização de movimentos sociais, têm também de se ter em conta os protestos em si, isto é, as características necessárias para a ocorrência de um protesto de rua num determinado momento, bem como que tipo de reivindicações, mediante a temática do protesto, confinam o discurso dos indivíduos. Para já, contudo, serão apresentados, de uma forma necessariamente geral, os aspetos mais importantes que caracterizam os movimentos sociais, sendo necessário compreender os movimentos a que os atores pertencem, de modo a perceber o contexto grupal e sociopolítico em que o seu discurso humorístico – ou, todavia, mais formalizado – é produzido.

### **2.1.1 VELHOS E NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS: O MOVIMENTO OPERÁRIO DO SÉC. XIX E AS NOVAS AÇÕES COLETIVAS DO SÉC. XX**

De uma forma geral, distinguem-se Velhos Movimentos Sociais (VMS) e Novos Movimentos Sociais (NMS). VMS são reconhecidos como movimentos operários, de preocupação laboral, nomeadamente por via de fações sindicalizadas. Sendo que desde as sociedades industriais o trabalho e o salário ocupam lugares centrais na estrutura de sociedade, este tipo de movimentos procura defender os direitos dos trabalhadores por via da concertação social com os centros de poder legítimo (Fonseca, 2014). As grandes centrais sindicais apresentam-se assim como estruturas burocráticas, hierarquizadas e, desta forma, mais institucionalizadas, detendo uma responsabilidade social no diálogo e na pressão politizada – seja um diálogo formalizado ou, muitas vezes, por via de greves – com instituições, entidades e centros de poder legítimos. Constituídas por sindicatos de trabalhadores assalariados das mais diversas áreas de emprego, e tendo uma agenda baseada nas tradicionais questões de foro laboral, possuem uma grande capacidade logística, ao contrário dos valores pós-materialistas e da preocupação por novas temáticas sociais por parte dos NMS, que se aliam a um minimalismo logístico em termos de recursos e controlo de mobilização (Fonseca, 2014: 261).

Precisamente, os NMS podem ser, por exemplo, grupos feministas ou ecologistas, isto é, grupos que procurem, através de pressão social, modificar hábitos, perceções ou padrões culturais na sociedade sobre determinado assunto. De uma forma geral, caracterizam-se por uma menor centralização logística, na medida em que a maioria deles, segundo Fonseca (2014), “(...) vivem uma existência efémera,

sem perdurabilidade no tempo” (Fonseca, 2014: 266), sendo que a sua pressão efectiva resulta de um produto de massas, mais do que qualquer outra vertente mais institucionalizada. Por outro lado, o tipo de militância é menos profunda do que nos VMS, tratando-se mais de um “militante moderno, urbano e preocupado com as causas cívicas e ecológicas” (Fonseca, 2014: 267). Neste sentido, porém, a vertente político-ideológica já é fundamental na caracterização de VMS. Na Europa existe um número muito variado de sindicatos, sendo que historicamente este continente é caracterizado, no âmbito sindical, como diversificado em termos ideológicos e identitários (Estanque & Costa, 2013: 176). Já em Portugal, as maiores centrais sindicais são a CGTP e a União Geral dos Trabalhadores (UGT), criadas ao longo dos anos 70, e cujos decursos político-ideológicos, de uma forma geral, foram divergindo, com a primeira mais próxima de uma orientação comunista e a última, por seu lado, seguindo uma linha mais socialista e social-democrata (Costa, 2004).

Um dos aspetos que mais interessa para esta comparação é ter em conta os movimentos sociais no seu grau de institucionalização, isto é, nos aspetos formais de organização, sejam ideológicos ou estruturais, e que permitem a expansão e longevidade do movimento, bem como uma maior força política e institucional. Se é verdade que, de uma forma geral, os movimentos encontram-se à margem do institucionalismo, atuando como desafiadores de um determinado sistema de ordens (Scheinberg & Lounsbury, 2008: 653), esta ideia não se apresenta universal ou, quando muito, total. O movimento operário é um exemplo de movimentos mais institucionalizados, inclinados, como se disse, para a concertação social e que requerem, por isso, uma legitimidade política de certo modo estabelecida. Pode considerar-se que a sua posição não é – pois depende da existência deste – totalmente centrada no poder formal e institucional, mas que também não se encontra completamente marginalizada no que concerne aos centros de poder, muito menos em comparação com protestos mais recentes, como o QSLT, caracterizados, em comparação, por um menor institucionalismo. Neste sentido, apresentam-se graus de institucionalização diferentes mediante a aproximação a centros de poder políticos e económicos estabelecidos, bem como a expectativas institucionais que poderão ou não existir para determinada organização.

É certo, porém, que tal conceito carece de uma difícil identificação prática. Os bastidores das concertações sociais ou de pressões e poderes de *lobbys* sobre partidos políticos, por exemplo, são aspetos difíceis de caracterizar, podendo ocorrer sem o conhecimento público. Por outro lado, apesar de ser possível identificar uma maior e mais complexa estrutura organizativa por parte das centrais sindicais, convém

reconhecer que também os NMV possuem processos de institucionalização e burocratização (Fonseca, 2014: 218).

Por último, destes aspetos resulta o poder transformativo dos diferentes tipos de movimentos. Fonseca (2014) argumenta que a contribuição para a democratização pública é distinta para VMS e NMS, sendo que os primeiros detêm um papel mais ativo e responsável em termos institucionais, já que aos sindicatos são impostas dimensões que se referem à deliberação democrática e à concertação social, em que se procuram consensos entre os vários agentes políticos (Fonseca, 2014: 215). Segundo Estanque (1999), a cooptação e o progressivo enquadramento institucional são fatores essenciais para serem alcançadas metas de transformação social por si propostas (Estanque, 1999: 86). Por outro lado, tanto VMS como NMS têm importâncias distintas quando a alguns conceitos, já que, segundo Fonseca (2014), “conceitos como (...) *concertação social* impõem aos sindicatos um papel mais ativo e responsável do que aquele que está disponível (...) para os novos movimentos sociais”, ainda que, em termos mediáticos, estes últimos se destaquem (Fonseca, 2014: 215).

### **2.1.2 NOVÍSSIMOS MOVIMENTOS SOCIAIS: ACONTECIMENTOS RECENTES DE PROTESTO**

Como refere Taborda (2012), no séc. XIX assistimos às primeiras formas de contestação social como as conhecemos hoje, com o surgimento do movimento operário e, nomeadamente, de manifestações como greves, sendo que no séc. XX surgem novos movimentos, com novos objetivos e atores diferentes (Taborda, 2012). Atualmente, por outro lado, têm surgido ao longo do séc. XXI formas distintas de ação coletiva, dos quais são exemplos o QSLT, em Portugal, ou os Indignados, em Espanha. Com estes novos movimentos – que, à falta de melhor termo, serão descritos como «novíssimos» –, pode perguntar-se se serão de facto novas formas de contestação social.

O paradigma dos movimentos sociais modificou-se com a introdução da dimensão da internet e das redes sociais, e, em Portugal, os movimentos Geração à Rasca (GR) e QSLT, entre 2011 e 2014, destacam-se como nítidos exemplos (Soeiro, 2014; Estanque, 2014). São protestos que possuem características similares, de convocação por via de redes sociais, com uma rebelião da classe média, transversal quanto à idade, e em que a precariedade – isto é, a falta de qualidade de vida – se estabelece como um elemento central na disposição contestadora dos indivíduos. Têm elementos dos NMS, como sujeitos sociais pouco coesos quanto à sua identificação sociodemográfica e ideológica, possuindo uma especial preocupação com a questão da precariedade e do desemprego, e tendo por base de partilha de ideias as redes

sociais. Estes novos atores sociais surgem também num contexto em que Fonseca (2014) refere existir um certo desencanto dos jovens perante o sindicalismo e o seu carácter mais rígido, burocrático e hierárquico, preferindo estes o anonimato dos movimentos espontâneos e a opção de não pagamento de quotas, como sucede nos sindicatos (Fonseca, 2014: 212). São por isso formas diferentes de abordar temas convergentes, como são os da preocupação laboral ou, até, o da precariedade. Por outro lado, a mobilização de VMS é, segundo a mesma autora, mais lenta, numa participação que se assenta numa lógica ideológica, ao contrário de NMS e dos novíssimos movimentos, mais céleres em termos comunicativos e assentes numa maior ambiguidade ideológica. Neste sentido, Estanque (2014) refere-se aos princípios definidores de Touraine acima mencionados para movimentos sociais – de Identidade, Oposição e Totalidade – para defender que os movimentos atuais não podem ser explicados somente a partir de tais componentes, devido a uma fragmentação e a um sentido de comunhão mais passageiro no que concerne às identidades coletivas. Segundo o autor, os movimentos atuais caracterizam-se por, precisamente, ambiguidades ideológicas, não existindo uma alternativa unificadora de paradigma (Estanque, 2014). Assiste-se assim a aglomerações efémeras, mais espontâneas, descontínuas pelo tempo por uma lógica de unificação pontual e com poucos alicerces organizativos para ser desenvolvida. Ou seja, estes movimentos sociais caracterizam-se por alicerces menos organizados e menos institucionalizados, em comparação com outro tipo de associações, nomeadamente centrais sindicais.

## **2.2 MOVIMENTOS SOCIAIS EM PORTUGAL: UM BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO**

No caso português verificou-se, segundo Estanque (1999), o princípio de uma sinergia entre velhos e novos movimentos, bem como, mais tarde, a sua gradual separação. Antes do 25 de Abril, as ações coletivas em Portugal – mesmo os movimentos estudantis, ainda nos anos sessenta – foram ações pontuais, demasiado constrangidas pelo ambiente político e com pouco espaço para se tornarem movimentos minimamente estruturados e com alguma longevidade. Por outro lado, no pós-25 de Abril assistiu-se, de acordo com o mesmo autor, a um movimento revolucionário que, pese embora tivesse como base o movimento operário e uma linguagem de classe, congregava também novos movimentos sociais, tais como mobilizações feministas, estudantis ou ecologistas, numa sinergia, nesta época, marcadamente transclassista (Estanque, 1999: 102). Tendo esta fase histórica e política modificado com uma normalização democrática, na qual a euforia

revolucionária seguiu, gradualmente, um caminho descendente, também os movimentos sociais entraram num paradigma de menor sinergia, em que, por um lado, o sindicalismo se estabelecera como força negociadora e reivindicativa, com maior representação institucional, e, por outro, os NMS se estabeleceram, como no resto da Europa, como ações igualmente marginalizadas.

Nos anos mais recentes, aquando, nomeadamente, o movimento QSLT – bem como em anos anteriores, com movimentos contra a precariedade (Fonseca, 2010) –, assistiu-se a uma união entre sindicatos e de novos movimentos sociais («novíssimos»), agregados, pois, numa lógica mais expansiva. O QSLT foi um movimento constituído por várias organizações com interesses diversos, de que são exemplos os Precários Inflexíveis (PI), o UMAR, o APRE!, o Panteras Rosa (PR), os (D)eficientes Indignados, o SOS Racismo ou a Revista Rubra. Quer isto dizer que associações com preocupações cívicas, contra a desigualdade de género ou as discriminações racistas, uniram-se num movimento informal num determinado contexto sociopolítico que, segundo as mesmas, punha em risco a vida social e individual de uma forma dilatada. A ideia, pois, era a de confrontar o discurso político-institucional do Governo português e as suas políticas de austeridade que, segundo ambos os movimentos, empobreciam a população e careciam de justiça social, havendo, pois, questões coincidentes nas agendas destes novos movimentos com questões da agenda sindical, nomeadamente “(...) em relação aos direitos do trabalho, proteção social e oposição geral à austeridade” (Lima, 2015: 22). Por outro lado, notou-se, nesta união de VMS com o movimento QSLT, uma diferença no que concerne não apenas à logística organizacional de cada facção, mas ao objetivo final que ambos alvitavam. Por um lado, a concertação social típica por parte dos sindicatos, e, por outro, uma mudança mais radicalizada do sistema político e financeiro.

### **3. LIBERDADE DISCURSIVA E INFORMALIDADE COMUNICATIVA: O DISCURSO CRIATIVO E HUMORÍSTICO CONTEXTUALIZADO**

#### **3.1 CULTURA DE PROTESTO: A PARTILHA POSITIVA NUM ESPAÇO DE INDIGNAÇÃO**

Uma das questões principais sobre o humor em movimentos e protestos é, como se pergunta Romanos (2012), se o humor é uma mera expressão comportamental ou se, por outro lado, se estabelece como uma ação instrumental por parte dos atores coletivos envolvidos (Romanos, 2012: 2). Atendendo, pois, a uma bibliografia em que as disposições e os aspetos não racionais são tidos em conta nesta questão comportamental em situações como as referidas, tem-se uma maior preocupação em analisar os comportamentos dos indivíduos não apenas pela sua via racionalizada e calculada, mas essencialmente através de uma maior associação entre a racionalidade – fruto de processos cognitivos relativamente aos aspetos envolventes – e a dimensão emocional, que contém indicadores menos ligados a um processo racional. Estes fatores contribuem para a disposição coletiva, permitindo assim perceber o tipo de cultura de protesto existente, isto é, as características transversais em termos de comportamento, disposição ou discurso que se verificam em manifestações.

Tendo havido uma fase de valorização dos aspetos meramente racionais em movimentos sociais, desde os anos 90 que um número alargado de autores considera as disposições em protestos juntamente com processos racionais, tendo em consideração aspetos como a raiva ou a satisfação, e a sua ligação com as identidades coletivas (Hart, 2007: 11). Melucci, por exemplo, autor ligado ao estudo de novas formas de mobilizações sociais ocorridas no séc. XX, estudou os investimentos emocionais em processos de mobilização (Hart, 2007: 12); e, de acordo com Estanque (1999), muitos movimentos ocorrem sob uma unanimidade de paixões que, segundo o autor, se combinam ou até se sobrepõem à diversidade de interesses e consciências (Estanque, 1999: 86).

Ora, ao falar-se de mobilizações coletivas de protesto pode pensar-se que se fala, de forma quase exclusiva, de emoções negativas como a raiva, e no entanto verifica-se que as emoções positivas são também fundamentais no processo de mobilização (Sabucedo & Vilas, 2014). Mais recentemente, em países como Portugal, Espanha ou os EUA, tem aliás ocorrido uma disposição mais otimista por parte dos manifestantes, razão pela qual esta dimensão é aqui valorizada. E tal dimensão pode ter um papel importante na criação de uma certa identidade relacional entre os indivíduos. Partindo de um caso espanhol, e dando como exemplo um cartaz dos

Indignados, apresentado em Madrid a 15 de Maio de 2011, dizendo: “Ontem zangados, hoje esperançados”, Sabucedo e Vilas (2014) referem que a raiva ajudou à mobilização, mas a partilha aparente de objetivos e estados de espírito criou uma emoção positiva (Sabucedo & Vilas, 2014: 835). As disposições num protesto e num movimento fazem assim parte de um processo flexível. Neste sentido, e como demonstra Romanos (2012), que estudou o mesmo movimento em Madrid, ou Pais (2014), que se debruçou sobre o movimento paralelo ocorrido em Lisboa, viveram-se, nestes protestos, ambientes com manifestações positivas e entusiasmantes (Pais, 2014; Romanos, 2012). Não era rara a existência de ações simbólicas, pautadas com humor, cartazes divertidos e informais, ou uma disposição geral de, aparentemente, um certo contentamento. Deste modo, tais espaços reivindicativos e ritualizados podem promover o aparecimento de disposições como raiva, medo, coragem, orgulho, mas também riso e satisfação, e resultam, igualmente, de uma relação entre emoção as dimensões afetiva e cognitiva (Barker, 2001).

Desta forma, crê-se que a utilização do humor num protesto é também resultado desta flexibilização afetiva e do surgimento de uma certa leviandade – um espaço para alguma partilha positiva. O humor e a emoção/disposição, apesar de poderem até ser vistos como inimigos na vida social (Bergson, 1978), poderão ser conceitos interligados. Segundo Martin, um investigador na área do humor, existem quatro componentes no humor: o contexto social, um processo cognitivo de perceção, a expressão vocal-comportamental e, também, uma resposta emocional (Zelizer, 2010: 2). Por outro lado, o humor pode ser uma ferramenta eficiente para regular emoções negativas (Kugler & Kuhbandner, 2015: 1), o que se revela especialmente evidente em casos de protestos. Neste sentido, esta investigação argumenta, pois, que um espaço de disposições mais positivas e otimistas em protestos sociais promove uma linguagem por sua vez mais livre, o que resulta em discursos e lógicas de pensamento menos formais, entre as quais se apresenta um conteúdo humorístico, e que este tipo de discurso será mais frequente em indivíduos dentro de movimentos sociais menos institucionalizados do que em atores pertencentes a instituições de controlo mais centralizado e rígido. Tais questões serão exploradas na segunda parte da Dissertação, aquando a análise de resultados.

### **3.2 O DISCURSO E O SEU CONTEXTO**

Finalmente, regressa-se ao discurso em si – às suas limitações, potencialidades e diferenças. Para analisar o discurso humorístico em protestos, como uma simples frase posta em cartaz, apresentada ao mundo – aos que partilham a sua indignação, aos quais quer exigir uma mudança, ou aos que a possam observar, por exemplo,

através da televisão –, essa simples frase resulta de um conjunto variado de constrangimentos. Como se viu acima, um dos constrangimentos pode estar relacionada com a cultura/disposição de protesto. Mas também questões de ordem económica, social e política possuem a sua evidente importância, já que, para a Análise Crítica do Discurso (ACD), metodologia transversal a esta investigação, a compreensão do contexto sociopolítico revela-se fundamental para perceber o significado dos discursos (Bryman, 2008). Um exemplo recente deste tipo de contextualizações, em Portugal, pode ser a semana de 16 a 20 de Maio de 2016, na qual as centrais sindicais organizaram algumas greves e manifestações de rua, tendo como ponto central de reivindicação o regresso das 35 horas de trabalho semanal para os funcionários do sector público. Aqui, porém, foi reiterada a intenção, por parte dos sindicatos, de que a mensagem geral das manifestações não se dirigisse de forma hostil ao Governo vigente, ao contrário do que sucedia nos anos anteriores, com um Governo de outro espectro político<sup>2</sup>. Ou seja, a mudança do contexto político modificou o sentido da mensagem da contestação, e, como este exemplo, existirão outros, da mesma forma que foi um contexto de austeridade que contribuiu fundamentalmente para a existência de um movimento abrangente como o QSLT, compelindo, pois, determinados significados nos discursos dos atores participantes nos protestos.

Se o contexto sociopolítico se revela essencial para a compreensão dos discursos, também a linguagem num protesto, em especial a sua liberdade discursiva – e o significado que cria (Kurzman, 2008) –, encontra-se dependente do espaço e da identidade coletiva do grupo. Scott (2013), referindo-se à ideia de discurso oculto produzido por grupos dominados, refere que a utilização mais livre deste discurso será tendencialmente maior quanto mais ocorrendo duas condições: a de um “(...) espaço social reservado, onde o controlo, a vigilância e a repressão dos dominadores sejam mais difíceis de exercer (...)”, e um espaço exclusivamente repartido por indivíduos que “(...) compartilhem experiências de dominação idênticas” (Scott, 2013: 174). Ou seja, são necessárias as condições de um espaço para se expressarem livremente e de terem, coletivamente, o que dizer. Ora, a liberdade discursiva, de uma forma geral, e tendo em conta todas as dimensões referidas, pode ser encontrada no humor, já que o pensamento humorístico, como foi anteriormente referido, experimenta uma certa inversão do que é convencional, procurando descobrir diferentes perspetivas acerca das coisas e promovendo a associação entre o humor e uma mente aberta e criativa. Ele revela-se assim num espaço de ambiguidade e incongruência, tanto na linguagem

---

<sup>2</sup> Artigo *online* do Observador que noticia esta intenção: <https://goo.gl/184K6d>

como no significado (Gordon, 2014), e é por isso um indicador útil para compreender um discurso mais ou menos informal.

Nesta lógica de subversão e informalidade, tem-se o exemplo de uma técnica humorística muito utilizada no movimento dos Indignados, em Espanha: a reutilização e recriação de textos familiares ao público, como poemas ou títulos de filmes e livros, para que, ao passá-los para cartazes, pudessem criar um efeito humorístico (Romanos, 2013: 16). Por outro lado, os próprios nomes de movimentos recentes em Portugal têm já algo de humorístico e, certamente, de informal. Geração à *Rasca*, sendo *rasca* um termo de quem se encontra em situação de emergência, à *rasquinha*. Por outro lado, tem-se o QSLT, em que se pega desde logo no triunvirato inimigo – a *Troika* – e se propõe um total ênfase de desprezo popularmente utilizado: *que se lixe*. Custa crer que, em Portugal, uma instituição que procurasse legitimidade política dentro das margens do institucionalismo escolhesse um nome deste tipo, revelador de um propósito, pelo menos inicial, de não institucionalização, procurando antes um impacto popular que pudesse abranger uma determinada mensagem naquele momento histórico, económico, político e social.

### **3.3. Liberdade comunicativa e institucional: breves exemplos de diferenças discursivas**

Uma das hipóteses centrais desta investigação é a de que os atores sociais produzem, em protestos, uma linguagem humorística e de maior liberdade criativa ao pertencerem a um movimento menos institucionalizado, sendo que ao pertencer a uma instituição mais formal, organizadamente rígida e com maior legitimidade política, a sua expressão individual, emocional e humorística é limitada. Foram já abordadas algumas dimensões que ajudam a compreender melhor esta questão. Foi abordado o humor em si, a forma como os movimentos sociais o podem usar, por exemplo, em situações de conflito, a organização dos diferentes movimentos, ou, ainda, as questões de disposição e cultura de protesto que ajudam a compreender o discurso em ações coletivas. Terão de se ter em conta todas estas dimensões, pois, para entender uma aparentemente simples forma discursiva num dado protesto.

Por fim, então, e antes de entrar na análise de resultados que permitirão uma melhor compreensão das temáticas aqui tratadas, podem ser referidos alguns exemplos de diferenças discursivas, mediante os movimentos, que promovem a reflexão sobre tal hipótese. E sendo que poucas investigações trataram da questão do humor com a de protestos, vários são os indícios entre condições criadas para a existência de um discurso mais livre, em comparação com uma maior formalidade.

Em 2013, numa comparação entre o maior protesto do QSLT com o de uma greve geral organizada pelos sindicatos, Alves (2013) refere que no primeiro ocorreu mais liberdade criativa e uma maior disposição emotiva nos cartazes, ao contrário do que refere serem os “chavões” repetitivos por parte das fações sindicais (Alves, 2013). Neste sentido, também Fonseca (2014), citando uma investigação de Elísio Estanque, relata a história de um grupo de mulheres de uma fábrica que, por insistência de uma dirigente sindical para que fossem elas próprias a fazer os cartazes para uma manifestação – indo assim ao desencontro da logística de planeamento por parte dos sindicatos –, produziram um discurso mais intimista e emocional, com cartazes diferentes do habitual (Fonseca, 2014: 235). Ora, estas ocorrências parecem dever-se em grande parte, pois, à logística dos diferentes movimentos, temática já abordada no capítulo 2. Comparando NMS e VMS quanto às suas práticas comunicativas, Fonseca (2014) revela que se associa uma maior criatividade aos primeiros, e, pelo contrário, ocorre uma maior centralização logística por parte dos velhos movimentos (Fonseca, 2014: 238). De facto, existem diferenças, estéticas até, nos cartazes entre movimentos sindicais e movimentos menos institucionalizados, em que nos primeiros se denota um maior cuidado no gráfico dos cartazes, resultado de uma logística mais centralizada, e em movimentos como o QSLT se identifica algum amadorismo, com cartazes improvisados (Alves, 2013; Fonseca, 2014). Esta diferença estética, que será abordada de seguida, no capítulo metodológico, reflete também uma diferença entre linguagem mais e menos formal, e é essencialmente resultado, no caso do QSLT, de um espaço próprio para produzir com intuito criativo, seja por parte de ativistas ou por parte de indivíduos reivindicativos sem nenhuma ligação institucional.

Neste sentido, e como mote para a parte metodológica e de análise, é essencialmente o humor – e a criatividade, muitas vezes artística, que existe com ele – que será o grande ponto de foco. Este humor e esta criatividade não são, no entanto, da parte de artistas profissionais, que fazem arte de protesto com o objectivo de criar consciencialização nos indivíduos, e da qual existem variados exemplos, como os cartazes que antecederam o Maio de 1968, em Paris (Bradley & Esche, 2007); antes, esta investigação foca-se em ativistas e também em atores sociais sem vínculo institucional, ambos sem qualquer profissionalização artística formal ou aparente, e que saíram à rua com as suas próprias frases, indignação, criatividade e humor.

## II. ANÁLISE DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 4. METODOLOGIA: ANÁLISE DISCURSIVA DE IMAGENS E ENTREVISTAS

Para a investigação no tema do humor e criatividade em movimentos sociais e situações de protesto, propõem-se duas técnicas metodológicas de âmbito qualitativo: análise de imagem/discurso e entrevistas semi-estruturadas. Para ambas é sugerida a Análise do Discurso, nomeadamente a ACD, que passa por compreender o significado e sentido do discurso produzido pelos atores sociais, tendo em conta o contexto sociopolítico, centrando-se na linguagem e nos significados existentes ou refletidos por ela, e procurando aprofundar a relação entre discurso e realidade, bem como possibilitar a compreensão que a linguagem, em determinado contexto, possui no auxílio à mudança política e social (Morgan, 2010: 4). Para os investigadores da ACD, existem geralmente três dimensões pelas quais se examina um texto: (i) a sua estrutura, conteúdo e significado; (ii) a dimensão prática discursiva, ou seja, a forma de interação discursiva usada para comunicar crenças e significados; (iii) e a dimensão prática social, que é a consideração do contexto social em que o discurso ocorre (Bryman, 2008: 509).

Neste sentido, para a análise dos cartazes em situação de protesto<sup>3</sup> – também referidos, nomeadamente pelos ativistas e sindicalistas entrevistados, como ‘pancartas’ – foi criada uma tabela com categorias de identificação e de análise do discurso<sup>4</sup>, permitindo perceber não apenas o conteúdo do cartaz, como também o significado discursivo das próprias frases – em complemento, pois, com a contextualização do protesto em si, a que instituição a pessoa que exhibe o cartaz pode pertencer, as características aparentes desse indivíduo (género, faixa etária), entre outros aspetos. O *design* do cartaz foi também tido como importante, na medida em que é um indicador do tipo de organização e de planeamento criativo dos cartazes em duas dimensões: criatividade e recursos materiais.

A análise de imagens vem no sentido de observar a possibilidade de um maior teor criativo e humorístico por parte dos indivíduos participantes no protesto de 15/Set de 2012, referente ao movimento QSLT, em comparação com os de 14/Nov, incluídos na greve geral organizada pelos sindicatos. Para tal, foram analisadas dez imagens de cartazes do 15/Set e mais dez do protesto 14/Nov. Para além da grande dimensão de tais manifestações, o facto de se ter decidido analisar manifestações do último quadrimestre de 2012 prende-se, por um lado, pela necessidade de estabelecer uma determinada fase política e reivindicativa detentora de parâmetros gerais similares –

---

<sup>3</sup> Todas as imagens foram retiradas da Internet (arquivos, revistas/jornais, blogues).

<sup>4</sup> Ver Quadro 1, do anexo A.

como a existência de políticas de austeridade, a presença da *Troika* em Portugal, ou um discurso generalizado contra a austeridade económica –, bem como, por outro lado, o que inicialmente se julgou ser, por parte de grandes protestos ligados ao QSLT, cartazes com elevado grau de humorismo, criatividade e informalidade, em oposição a uma linguagem mais formalizada em manifestações organizadas por sindicatos (Alves, 2013). Como clarificação da análise efetuada, convém referir que o seu ponto de foco é a liberdade criativa e humorística por parte dos ativistas e dos indivíduos que participaram no protesto de 15/Set, servindo a linguagem dos sindicatos, observável na greve de 14/Nov, como referência investigativa.

Já as entrevistas semi-estruturadas<sup>5</sup> permitem entregar à investigação uma visão mais aprofundada sobre o período entre 2011 e 2013, no sentido de compreender de que forma atores mais ligados à parte comunicativa, tanto de centrais sindicais como do QSLT e da GR, percecionam a temática do humor e da liberdade criativa num contexto de movimento social e de protesto de rua. Ao todo, foram entrevistados 7 indivíduos, cinco ligados diretamente à GR e ao QSLT, e dois pertencentes, no período em questão, à direção da CGTP e, respetivamente, à União de Sindicatos de Lisboa (USL) e à área da Informação e Propaganda Sindical (IPS)<sup>6</sup>.

## **4.1 ANÁLISE DISCURSIVA DE IMAGENS: AS MANIFESTAÇÕES DO 15/SET E DO 14/NOV**

### **4.1.1 DIFERENÇAS GERAIS NO CONTEXTO E NO DISCURSO**

A partir da análise feita ao discurso e ao contexto dos cartazes<sup>7</sup>, é possível perceber algumas diferenças no que diz respeito a tendências entre os dois protestos. Verifica-se, como confirmação da hipótese, que no 15/Set, organizado pelo QSLT, existem cartazes com um discurso geralmente mais humorístico, criativo e informal, em contraste com as frases mais diretas e repetitivas exibidas pelos elementos representativos dos sindicatos. Dos dez cartazes analisados do 15/Set, todos têm mensagens e elementos visuais de alguma forma humorísticos. Do 14/Nov, apenas um cartaz – a imagem 15 – possui esta característica, sendo também, dos analisados, o único cartaz desta manifestação que não se encontra assinado por qualquer sindicato.

No que concerne à estética dos cartazes, os do 14/Nov possuem, em comparação, *designs* mais profissionalizados e cuidados, sugerindo melhores

---

<sup>5</sup> Ver guião das entrevistas, no Anexo A.

<sup>6</sup> Quadro 2 e Quadro 3 com citações resumidas de cada um dos entrevistados, no anexo B.

<sup>7</sup> Restantes imagens no anexo A.

recursos materiais. Estes apresentam também cartazes mais uniformizados em tamanho (com maior comprimento, necessitando de mais do que uma pessoa para os exibir pelas ruas), utilizando por norma, para além de alguma diversidade de cores mediante o aglomerado sindical, letras maiúsculas e impressas (feitas não manualmente), juntamente com o logótipo do sindicato, sem qualquer outro elemento visual esboçado.

Quanto à idade dos indivíduos que exibem os cartazes, ocorre uma predominância de jovens no protesto do QSLT, embora exista igualmente um número relevante de indivíduos pertencentes a faixas etárias mais elevadas, de que são exemplos as imagens 3, 4 e, em especial, a imagem 5, que apresenta uma mulher com alguma idade a segurar um cartaz que diz: “Tanto ladrão sai das universi(N/A) de verão! Eu frequentei uma universidade para os lados de Castelo de Vi... te lá!” Estes exemplos são reveladores de alguma diversidade etária na manifestação, o que vai de encontro a alguns dados quantitativos, concernente a este tipo de protestos, que apontam para essa diversidade (Cardoso et. al., 2016). No que se refere à manifestação do 14/Nov, nove das dez imagens retratam a preponderância de indivíduos mais velhos, de meia-idade, a exibirem os cartazes referentes a cada sindicato, ocorrendo, em comparação com o 15/Set, uma menor homogeneidade no que diz respeito às faixas etárias.

Apresentados alguns traços gerais, de seguida verifica-se de forma mais detalhada a análise para cada grupo de imagens, começando pelo foco da investigação: o 15/Set e a criatividade no protesto do QSLT.

#### **4.1.2 HUMOR E ORIGINALIDADE NO 15/SET: A ABRANGÊNCIA DO *QUE SE LIXE A TROIKA* COMO ESPAÇO PARA A INFORMALIDADE**

Se de uma forma geral se pode distinguir entre sindicatos e NMS/novíssimos, dos quais serve aqui o exemplo do QSLT, o período entre 2011 e 2014, marcado nomeadamente por três grandes protestos de rua (Camargo, 2014; Dias & Fernandes, 2016), possibilitou a que muitos indivíduos – a grande maioria, provavelmente, sem experiência reivindicativa – pudessem manifestar o seu desagrado, trazendo inclusivamente para a rua o seu cartaz e a sua mensagem. Estas pessoas, sendo agentes ativos nos protestos, não se encontravam ligados, pelo menos formalmente, a alguma associação, sindicato ou partido político. Daí a necessidade para a investigação de se ter em conta este terceiro grupo – o de indivíduos participantes nos

protestos e não pertencentes a qualquer organização –, cujas características poderão ser resumidas, juntamente com os NMS e os sindicatos, no Quadro 4<sup>8</sup>.

Ao contrário do 14/Nov, que ficou marcado essencialmente pela manifestação dos sindicatos, o 15/Set revelou-se, como já foi referido, um espaço de protesto mais abrangente, diverso e plural. Como tal, a linguagem dos cartazes e a predisposição dos indivíduos são o reflexo disso mesmo. Neste protesto, sucede aparentemente um esvaziamento discursivo e político geral, sem propriamente existir uma reivindicação coletiva, concreta, a não ser, por um lado, nas críticas ao governo e aos agentes económicos, e, por outro, na tentativa de consciencializar e chamar a atenção para os problemas em que cada um se encontra envolvido. É por isso assente numa lógica de resistência, oposição e agregação.

Como crítica à oposição, pode ter-se o exemplo da imagem 7, em que um homem de meia-idade ostenta um simples cartaz, que diz “Vende-se político honesto/ Nunca foi usado”, ou ainda a imagem 10, que se dirige concretamente a um ministro: “Relvas/ Paga as propinas”. Já no que diz respeito à consciencialização, tome-se o exemplo da imagem 6, em que um jovem ostenta um cartaz duplo, dizendo: “O governo está a pôr-nos nesta figura/ Comeram-me a carne/ Sugaram-me o sangue/ É o fim/ Agora roem-me os ossos/Arre porra que é de mais”, completando a sátira com um elemento lúdico: uma máscara de esqueleto. Outro exemplo de elementos lúdicos que dizem respeito ao vestuário é o da imagem 3, em que uma mulher ostenta um nariz de palhaço. Existe assim, também, alusão às suas próprias condições e dificuldades, o que sugere, para o exterior, essa tentativa de sensibilização em relação aos seus problemas, e, para as dinâmicas de dentro do protesto, a procura por uma sintonia ou sentido de pertença com outros manifestantes. Isto resulta numa certa identidade coletiva que, ainda que não direcionada ideológica e politicamente para objetivos senão de oposição, é executada num espaço partilhado, em que os indivíduos se reveem nas experiências dos outros, e em que surge a tendência para um discurso livre, em nenhum momento controlado, resultando numa linguagem mais informal, pessoal e criativa, com referências a figuras com determinado significado simbólico (e.g.: o Zé Povinho, na imagem 8). Ou seja, é transversal, neste protesto, um discurso lúdico, satírico, humorístico e informal.

#### **4.1.3 OS SINDICATOS E O 14/NOV: UMA LINGUAGEM HISTORICAMENTE FORMALIZADA**

Antes de mais, uma clarificação conceptual: ao falar-se, aqui, de linguagem formal e informal, pretende-se colocar esta dimensão essencialmente numa perspetiva

---

<sup>8</sup> Ver Anexo B.

de expectativa institucional, isto é: que tipo de discurso é esperado de determinada instituição mediante a sua evolução histórica e social. É neste sentido que a linguagem que se encontra no 14/Nov, por parte dos sindicatos, se revela, como se verá, histórica e institucionalmente formalizada, em comparação com o 15/Set.

Tendo em conta a maioria dos cartazes analisados do 14/Nov, verifica-se que é recorrente o recurso a uma linguagem mais repetitiva, produzida essencialmente através de um discurso tendencialmente monótono. Existe a exceção da imagem 15, em que uma jovem rapariga, sem aparentemente pertencer a qualquer organização, ostenta um cartaz curto e simples, que diz, ironicamente: “Sobrevivo acima das minhas possibilidades”. No entanto, tirando esta imagem que vem demonstrar o carácter de agregação coletiva que também este protesto teve na sociedade, mais nenhum dos cartazes analisados apresenta algum tipo de humor ou criatividade. O cartaz da imagem 15 vem aliás, pois, servir como exceção, tendo em conta o grupo de imagens do 14/Nov: o facto de não estar assinado por nenhuma instituição, de ser um cartaz bastante simplificado, escrito à mão, e de ter uma frase que joga com o discurso institucional de que os portugueses viviam acima das suas possibilidades.

De novo, é sensato referir que a formalidade existente nos cartazes dos sindicatos no 14/Nov não é puramente ao nível da linguagem. Isto é, frases como o da imagem 13 (“Tróica fora de Portugal! Abaixo o governo Coelho/Portas/ Viva a Greve Geral!”) são até informais do ponto de vista institucional, já que são críticas diretas aos centros de poder. Mas a informalidade de linguagem, nesta investigação, refere-se à criação de um tipo de discurso menos usual. Este modo de linguagem sindical, como sugere Alves (2013), revela-se historicamente repetitiva, sendo que a autora designa de «chavões» muitas das suas frases que, ainda assim, são de desafio ao poder instituído. Isto significa que em tal linguagem ocorre uma formalização histórica, na qual existem determinadas expectativas de discurso por parte dos trabalhadores sindicalistas – um discurso directo, exigente e que, por vezes, critica fortemente o governo e os centros de poder – e que, neste sentido, acaba por se revelar monotonizado. A linguagem acusatória dos sindicatos, da qual um outro exemplo poderá ser o da imagem 19 (“Abaixo o governo de traição nacional PSD/CDS/ Governo Democrático e Patriótico!”), não se apresenta assim como algo novo, mas antes como algo esperado.

Outra característica da linguagem no 14/Nov é que se revela evidentemente directa e nada humorística ou arredondada. De facto, nela não existe recurso a qualquer elemento discursivo que não seja o de revelar apoio à greve geral ou exigir, de modo claro, determinado aspeto político e sindicalizado. Sucede mais uma linguagem de carácter informativo e reivindicativo, isto é, em que se tem, por um lado, a

necessidade dos sindicatos em se afirmarem como presentes na greve geral, num apoio explícito a esta iniciativa, como é o caso da imagem 12 (“Trabalhadores da Valorsul estão em luta!”); e, por outro, uma espécie de anúncio declarativa acerca das coisas que exigem, seja uma melhoria no trabalho, nos salários, entre outras coisas, como a mesma imagem 12 demonstra (“Pelo defesa do acordo de emprego!/ Pela defesa dos direitos!/ Pelo aumento dos salários!/ Por mais segurança no trabalho!”). Existe assim uma enunciação muito mais clara do que é reivindicado: um discurso direto, sem simbolismos, em que se denota mais nitidamente um contacto aberto com a oposição no sentido de lhe informar as exigências, ainda que estas não sejam, em vários casos, totalmente concretas – sendo todavia normal, em cartazes que acabam sempre por ser reduzidos, que não seja possível uma total objetividade. Sucede assim que os significados existentes neste tipo de discurso revelam-se simples, apresentando uma clareza de mensagem bastante grande.

Outro dos aspetos do 14/Nov, apesar da divisão de cartazes pelos vários sindicatos, é que a forma do cartaz encontra-se de certo modo uniformizada, elemento que se refere ao tipo de recursos materiais, e que teria origem no mesmo processo de criação de cartazes. Quanto à linguagem, também ocorre uma certa uniformização, sendo que, mesmo tendo em conta tal divisão por sindicatos, estes possuíam, ainda assim, um discurso transversal, baseado numa ideia reivindicativa que abrangia as todas dimensões laborais e se cingia, de uma forma geral, aos salários, contratos e condições de trabalho, bem como a críticas duras ao governo e à *Troika*.

Estando completa a comparação entre os dois protestos, confirma-se, como se disse no início, a hipótese de que o 15/Set, organizado por elementos de NMS, foi um espaço de discurso mais criativo e informal em comparação com o 14/Nov, organizado por centrais sindicais.

## **4.2 ENTREVISTAS: ANÁLISE DO DISCURSO A ATIVISTAS E SINDICALISTAS**

Partindo da confirmação de tal hipótese, as entrevistas realizadas a cinco ativistas e dois sindicalistas vêm no sentido de compreender as dinâmicas existentes no período entre 2011 e 2014, nomeadamente ao nível da organização, planeamento, recursos humanos e materiais, responsabilidade institucional, objetivos reivindicativos, e estratégia de comunicação optada pelas fações sindicais e, em especial, pela GR e pelo QSLT – e as demais associações que compuseram estes movimentos.

Mais concretamente, esta análise procura conceptualizar conceitos e ideias como institucionalização, objetivos, identidade coletiva e contextualização, de modo a

explicar o tipo de linguagem mais humorística, o porquê da sua existência, qual a sua utilidade, bem como quais se revelaram as suas vantagens e desvantagens.

#### **4.2.1 O CARÁTER INSTITUCIONAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SINDICAIS**

O caráter institucional foi tido como um aspeto importante para a investigação de modo a perceber até que ponto um maior ou menor institucionalismo influencia a liberdade discursiva dos seus agentes.

Para tal, as entrevistas a ativistas e sindicalistas foram úteis para compreender, nomeadamente no período em questão, o tipo de organização em que estavam envolvidos, de que modo planeavam e organizavam os protestos e a sua comunicação, que recursos detinham, o tipo de processo criativo que possuíam aquando a concepção de pancartas ou murais, bem como o tipo de linguagem e de comportamento que resultava das suas manifestações de rua. Ora, a relação entre caráter institucional e discurso pode encontrar-se correlacionada, já que tal institucionalismo resulta numa comunicação ligada a aspetos como (i) o público-alvo da organização, (ii) o tipo de relação formal que esta possui com as entidades políticas, (iii) a repercussão que as suas ações têm no espectro público, ou (iv) o tipo de recursos materiais e humanos que são capazes de mobilizar e controlar.

Neste sentido, em Portugal existe uma diferença clara de caráter institucional entre a generalidade dos NMS e os sindicatos. Isto é, os processos negociais e políticos, por parte dos sindicatos, encontram-se mais profissionalizados, centralizados e formalmente controlados, em comparação com movimentos como o QSLT.

Pedro, elemento dos PI e um dos principais organizadores deste movimento anti-austeridade, refere que, em comparação com a GR – movimento mais simplificado, surgido de uma conversa de café entre amigos e que, segundo vários dos entrevistados, foi ganhando um sucesso inesperado – o QSLT não se revelou mais institucional. De facto, o ativista diz que, quando era um elemento do QSLT e havia reuniões para serem tomadas decisões, “não tinha de ir reunir com os PI para uma proposta que saía do QSLT”, havendo assim “uma liberdade bastante clara dos participantes, que não estavam em representação, e por isso não tinham que estar a consultar organismos.”

Esta plataforma pouco formal contrastava com uma maior influência institucional por parte das centrais sindicais. E isto verifica-se, não nos grandes protestos que a GR ou o QSLT conseguiu fazer, com os quais levava consigo a legitimidade de centenas de milhares de pessoas que saíram à rua, mas nos processos mais formais e políticos. Cristina, ativista das PR, refere-se precisamente a isso, dizendo:

“Nós [GR e QSLT] não fomos a reuniões com o governo, nós não fomos chamados para negociações, independentemente da posição de forças que tínhamos com as pessoas que trazíamos à rua. E os sindicatos tinham. Portanto, a partir do momento em que o protesto chega a uma base de negociação, ou a uma base de oposição em gabinetes, nós deixamos de existir, e passa a existir o sindicato.” [Cristina, das Panteras Rosa]

Neste sentido, a falta de uma organização institucional por parte do QSLT promovia o movimento a um papel de resistência e de pressão política e social, mas de pouca influência formal, que se prolongasse em termos institucionais e entregasse ao movimento maior longevidade estratégica.

Como resultado de tal institucionalização, a estratégia de comunicação do QSLT e da GR não detinha uma responsabilidade institucional, ao contrário dos sindicatos. As mensagens revelam-se por isso distintas, apelando de forma diferente a questões similares. Na opinião de Sandra, ativista dos PI, os “sindicatos têm uma mensagem institucional”, existindo, na sua opinião, uma linguagem sindical que acaba, por consequência, por ser muito formalizada. Por outro lado, refere-se também ao facto de nos PI os seus elementos não terem de responder formalmente a ninguém:

“(…) [Nos protestos dos PI] tu podes dizer asneiras, se quiseres. Não estás a pôr em causa nenhuma organização, não estás a ferir nenhuma suscetibilidade.” [Sandra, dos Precários Inflexíveis]

Neste sentido, a diferença entre associações como os PI e os sindicatos encontra-se, em grande parte, ao nível do discurso. A visão dos ativistas dos NMS em relação aos sindicatos não é de desvalorização da sua importância formal e institucional, mas de crítica clara à forma como produzem a sua comunicação, aspeto que se encontra também relacionado com o tipo de público que os sindicatos procuram capitalizar. Este é um aspeto assinalado por Pedro, dos PI, associação debruçada sobre os problemas da precariedade e dos sectores laborais de uma forma geral, que sugere a falta de representação dos jovens por parte dos sindicatos – espaço que a GR e o QSLT procuraram, estrategicamente, ocupar –, o que na sua opinião se revela, em grande medida, na imagem passada para o exterior:

“Não estou a dizer que [o mundo sindical] seja velho, mas a imagem é. (...) Não se pode meter uma pessoa de 60 anos e dizer que é um jovem, ou até a dizer que está a representar jovens, porque quem vê e não pertence não fica com muita vontade de pertencer, porque não vê um par.” [Pedro, dos Precários Inflexíveis]

Já Leonor, pertencente à mesma associação, assinala o que considera ser uma certa monotonia institucional por parte dos sindicatos, referindo que “hoje em dia eles têm uma imagem a manter e têm um espaço que é deles”, e que a dificuldade em se atualizar poderá dever-se, na sua opinião, ao facto de serem “organismos muito grandes.” Também Miguel, organizador da Maré da Saúde do QSLT, refere-se à diferença de estratégia de comunicação entre os movimentos sociais e os sindicatos, dizendo que os sindicatos “tentam capitalizar os trabalhadores mais velhos, a trabalhar há mais tempo, enquanto que os protestos do QSLT e dos acampados são dirigidos sobretudo aos jovens.” Esta tentativa de captação de um público mais jovem revela-se, aliás, um fator determinante, como se verá adiante, para a utilização de uma linguagem mais informal e humorística por parte do QSLT e da GR. Também Cristina, ativista das PR, assinala um certo centralismo por parte das centrais sindicais, dizendo que, ao pertencer-se a um sindicato, essa pessoa sabe que “vai defender aquela posição, aquela orientação, aquelas palavras de ordem.” Existe assim a ideia de uma centralização comunicacional e ideológica, estabelecida em parâmetros ideológicos consolidados e objetivos.

Esta ideia, embora não totalmente corroborada por Ângela, elemento da área de IPS da CGTP, é revelada por uma maior complexidade institucional no que diz respeito à criação de uma linha geral, por exemplo, para determinada greve geral ou reivindicação. Para tal, a CGTP ouve a sua estrutura de base, isto é, os trabalhadores que pertencem a cada um dos sindicatos associados, e essa estrutura de base, segundo Sandra, “vai-nos dizer ‘nós temos aqui luta para estas matérias, são estas as nossas reivindicações, são estas as palavras de ordem que nós estamos a pensar’, e o que a CGTP faz é ouvir em conjunto as suas estruturas de base e então aí tomar uma decisão.”

Isto vai de encontro ao que refere José, um dos coordenadores da USL, dizendo que é o organismo central “quem define os esquemas de organização, os percursos e as palavras de ordem que vêm da discussão que há na CGTP”. Existe assim, em comparação com movimentos como o QSLT, um organismo centralizado, transversal no que diz respeito aos pilares comunicacionais e ideológicos produzidos. Neste sentido, e acrescentando quanto à responsabilidade e expectativa institucionais, José refere também que “nós [sindicatos] temos responsabilidades, ou seja, temos responsabilidade para com aqueles que mobilizamos, e conhecemos quem mobilizamos.”

Como foi possível verificar, e tendo em conta o diferente grau de institucionalismo entre os NMS e os sindicatos, a comunicação de cada facção é, por isso, diferente. Respetivamente, de um lado tem-se uma menor responsabilidade

institucional, aspeto que promove a liberdade de discurso tanto em plataformas de discussão como em protestos de rua, e, do outro, uma organização que possui um comprometimento institucionalizado para com os seus associados e, do mesmo modo, para com as outras instituições de poder, com as quais coexiste formalmente. Assim, esta tendência de comportamento institucional (ou menos institucional), por parte de cada uma das organizações, poderá também revelar-se no discurso dos indivíduos que de alguma forma as representam, nomeadamente num contexto de manifestação de rua.

#### 4.2.1.1 AS REDES SOCIAIS COMO ARMA DOS 'DESINSTITUCIONALIZADOS'

Apesar de a temática das redes sociais não ser central para esta investigação, foi observável, através das entrevistas, que tal ferramenta se revelou fundamental para os ativistas, que, em grande parte devido a uma menor influência pública e institucional, usaram as redes sociais para promover publicamente os protestos e os eventos que organizavam.

Tendo em conta a procura dos NMS por um público mais jovem, e sendo que a utilização de internet em Portugal dizia principalmente respeito a indivíduos pertencentes a faixas etárias mais jovens (Cardoso et. al., 2014: 9), as redes sociais revelaram-se, no período em questão, espaços úteis na disseminação da mensagem que a GR e o QSLT queriam passar. Neste sentido, o papel das redes sociais, na opinião de vários dos ativistas, revelou-se principalmente na divulgação dos protestos e na tentativa de dar a conhecer aos outros indivíduos os problemas com que a sociedade se deparava.

Para isto, a comunicação social parece também ter contribuído em larga escala – impulsionada pelas redes sociais. Na opinião de Sandra, elemento dos PI, o papel da imprensa foi importante nos primeiros tempos do QSLT, já que deu a conhecer a indivíduos que se encontravam fora das redes sociais, nomeadamente população mais envelhecida, processos de partilha existentes nestes espaços, referindo a ativista que “houve coisas que na altura foram só feitas na rede social e não tiveram repercussão na comunicação social”, e que, devido a isso, “não tiveram o mesmo tamanho.” Nesta mesma lógica, a relação inicialmente forte entre o que ocorria nas redes sociais e o que a comunicação social reportava foi, na opinião de Pedro, desvanecendo-se, referindo o ativista que o segundo grande protesto do QSLT, a 11 de Março de 2013, “(...) já não beneficia do beneplácito da comunicação social, como tinha acontecido na primeira.”

De qualquer forma, a perspetiva das redes sociais como um fenómeno não isolado promove, igualmente, um sentido de complexidade que se reflete no discurso.

A mensagem que os ativistas passavam não podia ser totalmente controlada no seu sentido, servindo essencialmente, como refere Baruah (2012) sobre o potencial de uma rede social, como um forte contribuidor de discurso (Baruah, 2012: 9). E nesta lógica, como defende Storck (2011) acerca do papel de tais meios virtuais, a utilidade das redes sociais pode ter contribuído para a consciencialização de determinados problemas sociais no mesmo período.

Assim, no período em questão as redes sociais poderão ser vistas como difusoras importantes, mais do que como elementos essenciais de organização, aspeto em todo o caso, em termos relativos, a ter em conta (Alonso, 2009). Isto é, no que se refere aos ativistas e ao uso que fizeram das redes sociais no período em questão, nomeadamente no que diz respeito ao planeamento dos eventos e da comunicação, o Facebook possuiu um papel algo limitado. De acordo com Leonor, tratava-se de um erro os ativistas acharem que “tendo redes sociais podiam não fazer o trabalho de casa, ou seja, que não têm de ir para a rua falar com as pessoas, que não têm de fazer cartazes”, defendendo que esse revelou-se – e revela-se – o fator mais relevante do trabalho comunitário, pois permite “o confronto de ideias, debater propostas e perceber quais são os problemas.” Já Cristina defende que, apesar de importante, a rede social não foi revolucionária, porque naquela altura “o Facebook era utilizado, mas por uma camada da população muito jovem e muito específica, e a maioria pouco politizada”, referiu a ativista. Dando também mais ênfase ao poder de divulgação do Facebook naquele período, Miguel, um dos organizadores da Maré da Saúde, sublinha o seu papel de mobilização, maior do que em comparação com os meios tradicionais, referindo que o que veio essencialmente a mudar foi o fator tempo, promovendo “um *timing* muito mais imediato” no que se refere a convocações e a eventos reivindicativos. Portanto, parece ter existido, na opinião dos ativistas, um exacerbamento da potencialidade das redes sociais neste período, que, tendo sido um elemento particular e importante, em especial para espaços mais informalizados, possuiu um papel limitado.

Quanto à CGTP, verifica-se uma maior inércia na utilização da rede social. Apesar de Ângela referir que atualmente o organismo se está a esforçar para melhorar a presença nas redes sociais, procurando assim modernizar-se, refere também que a organização detém um “enraizamento muito concreto”, privilegiando a implantação da sindicalização, e sublinhando que a rede social não é, para a CGTP, a “forma essencial.” Também José se refere com alguma resistência às redes sociais como uma forma de comunicação essencial, referindo que “o confronto que se dá entre o capital e o trabalho é no local de trabalho, e é aí que é preciso intervir com força.”

Percebe-se assim que, para além da questão de se dirigirem a um público tendencialmente menos jovem e com menos probabilidade de usar as redes sociais, esta inércia às redes sociais deve-se também ao facto de a estrutura sindical se encontrar mais preparada no que se refere ao encontro face-a-face com os trabalhadores sindicalizados. Por outro lado, da parte de jovens ativistas, que possuíam pouca influência pública, política ou institucional no período entre 2011 e 2014, as redes sociais revelaram-se instrumentos interessantes para a divulgação de protestos de rua – contribuindo, assim, para agregar um público mais diverso e menos institucionalizado em termos políticos.

#### **4.2.2 OBJETIVOS REIVINDICATIVOS: O TURBILHÃO DE INDIGNAÇÕES DA GERAÇÃO À RASCA E DO *QUE SE LIXE A TROIKA***

Ao participarem num protesto de rua, os indivíduos concordam com as linhas gerais da manifestação e possuem um papel ativo no que diz respeito à tentativa de concretização das exigências reivindicadas. Pertencem assim a um coletivo, que possui uma determinada identidade – menos ou mais manifesta – que age de acordo com objetivos estabelecidos.

Tais objetivos poderão, também eles, ser mais ou menos patentes, e deter características distintas mediante quem o planeia, em que contexto, ou que controlo existe sobre os manifestantes no que concerne à relação entre as suas reivindicações e as da organização. Segundo Cristina, ativista das PR, no caso do QSLT o movimento tinha dois objetivos principais: conseguir a queda do governo de coligação e fazer uma frente de oposição à *Troika*. Desde logo, pois, verificam-se objetivos claros de *contra ação*, resistência e tentativa de pressão, mais do que um planeamento construtivo, alicerçado em objetivos futuros que procurem encontrar uma solução coletiva. Pretendia-se criar uma oposição às entidades políticas e económicas que se encontravam no poder, sem haver, pelo menos de um modo formal e abrangente, linhas gerais quanto ao que fazer para além disso. Por outras palavras, concordava-se quanto à oposição e à forma de se opor a ela, e a sintonia entre os seus organizadores baseava-se nisso.

Como se pôde verificar pelos cartazes do 15/Set, a sua identidade era por isso sustentada em grande medida por uma ideia de resistência. A própria convocação para o QSLT encontrava-se sujeita a ideias de reação a políticas de austeridade e de recusa dos agentes políticos que estavam no poder. Neste sentido, houve a tentativa de simplificar os objetivos para cada protesto, de modo a, como refere Miguel, direcionar o mais possível a abrangência existente, baseada, segundo o próprio, numa

falta de estrutura reivindicativa por parte da maioria das pessoas que participou nos protestos:

“Eu acho que quando se tenta organizar alguma coisa com muitas pessoas, tenta-se diminuir ao mínimo o objetivo (...)”, nomeadamente quando se revela uma indignação pouco estruturada ou pouco orgânica.” [Miguel, do Sindicato dos Médicos e da Maré da Saúde]

Esta indignação algo vaga e pouco estruturada por parte da maioria dos indivíduos pode ter contribuído para um discurso mais amplo, disperso e informal. E isto não retira valor político à mensagem que se quer fazer passar; retira, antes, a predominância de uma mensagem coletiva estruturada e refletida, que era impossível, segundo alguns dos ativistas, ter nos dias dos protestos. Nas manifestações da GR e do QSLT, as pessoas que saíram à rua e que não pertenciam a nenhuma organização, não tinham um objetivo coletivo quanto ao que fazer a seguir – e não tinham de ter. Não existiu um processo político ou reflexivo coletivo, do qual surgisse um rumo concreto, estabelecido em pilares bem assentes social e politicamente, e tornou-se inevitável que o discurso reivindicativo, apresentado nomeadamente através dos cartazes, não surgisse tão concreto e congregado, e se tenha revelado de algum modo disperso, crítico, procurando a consciencialização e pretendendo, acima de tudo, dar voz à indignação.

Para além disso, e de acordo com os ativistas, não havia qualquer tipo de plano institucional que fizesse prosseguir o QSLT como um movimento de massas. Questionados sobre a possibilidade, por exemplo, de ter surgido do QSLT um partido político como o Podemos, em Espanha, vários dos entrevistados – em especial Pedro e Cristina – referiram a falta de preparação, trabalho e planeamento local, feito por associações cívicas como os PI ou as PR, entre outras, como uma das principais razões para que não se tenha dado continuidade política ao movimento, ao contrário do que aconteceu no país espanhol, cujas comunidades se encontram, nas suas opiniões, mais preparadas. Quer isto dizer que para vários ativistas não havia condições suficientes para o movimento continuar, ao longo do tempo, coletivamente consistente, ainda que esse pudesse vir a ser o desejo de vários dos envolvidos.

Havendo, por definição, um discurso agregado em ideias básicas de oposição e consciencialização no 15/Set, o QSLT procurou posteriormente estruturar o movimento reivindicativo, de modo a conseguir criar uma identidade reivindicativa mais compacta, nomeadamente na mensagem para o exterior. Neste sentido, para o 11/Mar de 2013, considerada a outra grande manifestação do QSLT (Camargo, 2014), o movimento procurou recriar as ‘marés’, ideia executada em Madrid, cujo objetivo era

juntar vários sectores laborais e cívicos da sociedade, como a saúde, a educação ou a comunidade LGBT, de modo a, como explica Miguel, da Maré da Saúde, procurar “reunir todos os sectores que estavam a ser afetados pelas políticas de austeridade e tentar mobilizar as pessoas em relação àquilo que lhes era mais próximo.” Ou seja, este processo de organização procurava criar, dentro de um protesto muito abrangente, círculos menores, mais exclusivos, que de alguma forma dirigissem a indignação a alvos mais concretos. A mensagem era em grande medida para o exterior, já que, segundo Leonor, ativista dos PI, a ideia do movimento era dividir o protesto por áreas para “dar a entender que havia diversos projetos ali dentro, ou seja, que não era só uma massa esquisita de pessoas que se juntava.” Segundo Miguel, esta ideia teve sucesso no próprio dia, com muitas pessoas a agregarem-se na maré pela qual se sentiam mais identificados, mas a organização não conseguiu, posteriormente, repetir o mesmo sucesso.

Como foi possível verificar até agora, de uma forma geral o QSLT demonstrou-se como um movimento pouco institucional, muito plural e abrangente, baseado na reação às políticas de austeridade e com o objetivo principal de criar uma frente de oposição ao governo e à *Troika*. Por outro lado – aspeto que não coube aos sindicatos –, o QSLT e a GR tiveram a capacidade de agregar nos protestos de rua muitos indivíduos sem qualquer experiência reivindicativa, que se encontravam naquele espaço de protesto com base nos objetivos da manifestação.

Quanto a esta massa de participantes, a ativista Cristina sublinha a falta de um “(...) processo pós-protesto”, que de alguma forma fizesse agregar essas pessoas num movimento mais consistente, com objetivos reestabelecidos, referindo-se a uma envolvimento política que na sua opinião acabou por ser demasiado efémera:

“Os protestos [do QSLT] foram importantes porque massivamente demonstraram esse descontentamento. Mas também foram uma forma quase catártica de sair à rua (...). No dia seguinte a um protesto havia uma espécie de balão social que desinchava. E, de alguma forma, isso permitiu também que o governo não caísse, porque não havia uma continuidade diária de oposição. O protesto esvaziava essa oposição um bocadinho, porque as pessoas sentiam-se de alguma forma politicamente envolvidas, representadas ou capazes de ser ouvidas, o que na realidade não se verificava. (...) Os protestos foram úteis para mostrar essa indignação, mas de alguma forma também foram úteis para manter alguma paz social negativa.” [Cristina, das Panteras Rosa]

Portanto, a posição por parte dos indivíduos no 15/Set foi então essencialmente de reação às políticas estabelecidas e ao desejo de exteriorizar, publicamente, o seu descontentamento, refletindo-se num discurso pouco cingido a um objetivo concreto e futuro, abrindo espaço para uma maior liberdade de expressão,

da qual surgem características criativas e humorísticas. Já no que diz respeito aos sindicatos, e de acordo com o que foi referido no subcapítulo anterior, os seus objetivos encontravam-se, em comparação, mais definidos, tanto ideológica como estrategicamente.

#### **4.2.3 O AMBIENTE DOS PROTESTOS: INFLUÊNCIAS DISCURSIVAS MEDIANTE A ENVOLVÊNCIA**

Os NMS em Portugal procuram promover uma cultura de protesto de rua que recolhe da parte dos participantes emoções mais positivas. Isto contrasta com o que Sandra, uma das ativistas entrevistadas, refere ter sido uma tendência rotineira e de moldes monótonos no ato de protestar, nomeadamente, antes do surgimento de movimentos como os PI, situação que, na sua opinião, não permitia muitas vezes uma expressão mais livre dos indivíduos.

No que se refere aos sindicatos, pois, o seu foco não era na altura – nem é agora – na criação de uma dinâmica de protesto, mas antes num trabalho contínuo que, como refere José, elemento da coordenação da USL, envolve “a linguagem direta com os trabalhadores, as reuniões nos locais de trabalho, os plenários”, esclarecendo que tanto a USL como a CGTP nunca se deslumbraram com “grandes eventos com grandes coisas.”

Daí que associações como os PI tenham desde cedo procurado criar condições para um ambiente divertido e mais positivo – por exemplo, como referiram os ativistas, através da música dentro das manifestações, ou de cartazes criativos e mais “leves” –, sendo da opinião generalizada de que isto resulta numa acrescida liberdade comportamental e discursiva. Neste sentido, Sandra, defendendo a posição dos PI, refere que não se deve ter “pudor em dizer que não gostamos do Passos Coelho ou do Sócrates”, no sentido de se poder expressar livremente, afirmando também a ativista que um protesto tem de ser efectuado com energia positiva, porque o “sentires-te bem com as pessoas que estão contigo naquele momento, também te permite criar outros laços e ter outro ânimo para fazer coisas.”

Nesta lógica, Pedro, dos PI, refere que aquele tipo de espaços de protesto eram “espaços de reinvenção”, defendendo que as pessoas, nomeadamente as que não têm uma ação política frequente, “encontraram muitas vezes, nestes espaços, os seus pares.” Refere ainda que, tanto no QSLT como na generalidade dos protestos dos NMS/novíssimos, os organizadores tentaram sempre que “uma manifestação fosse uma coisa divertida para as pessoas, e que as palavras de ordem tivessem coisas (...) fortes e outras cómicas.” Já Leonor realçou o ambiente familiar dos protestos do QSLT, referindo que “as pessoas sentiram que aquele era o espaço delas, que podiam levar o cão, o gato, o pardal, os netos e os avós, (...) que podiam

tornar aquilo seu, sem receio, e que estavam a contribuir de certa forma.” Parece assim claro que, no seguimento da tendência em tal período já referenciada por Pais (2014), a cultura de protesto neste tipo de manifestações foi claramente assente numa dimensão mais positiva. Isto poderá também estar relacionado com a procura por um público mais jovem, que se sentirá mais atraído por um ambiente informal e jovial, e, por acrescento, menos usual na altura.

Ora, as vantagens deste tipo de protestos são variadas. Tal ambiência pode ajudar a estabelecer interatividade entre os participantes, criando empatia social e contribuindo para a construção de uma identidade coletiva, ainda que, no caso de tais protestos, se revele efémera. Neste sentido, parece claro que a procura por um ambiente divertido e positivo foi um fator relevante na promoção de discursos mais informais, criativos e humorísticos, e tais características concernem às manifestações da GR e do QSLT, nas quais, mais do que uma urgência reivindicativa – que poderia, aliás, dispor os participantes para um discurso mais direto –, pareceu existir, primordialmente, um espaço virado para a partilha e para um certo desafogo discursivo.

#### **4.2.4 O PROCESSO CRIATIVO: ESPAÇOS PARA A CRIATIVIDADE E O HUMOR**

A tentativa de criar um ambiente mais informal nos protestos ocorre também na preparação para os mesmos. Centrando a análise nos aspetos mais práticos da criação de discurso de protesto, este capítulo centra-se no processo criativo dos NMS, sindicatos e indivíduos não pertencentes a qualquer organização, no período em questão.

Sendo o ponto de foco os movimentos GR e QSLT, percebe-se, através das entrevistas, que os recursos materiais dos seus ativistas revelaram-se limitados, dependentes da disponibilidade de organizadores e voluntários, com pouca flexibilidade económica e sem uma organização central que garantisse esses mesmos recursos. Isto implicou a criação de espaços mais pequenos, dos quais surgiam ideias para cartazes ou palavras de ordem, tendo como recursos os materiais que cada um – ou cada associação – conseguia adquirir. Centrando-se nomeadamente nos PI, e sendo que tal cultura criativa foi também transposta para o QSLT, Pedro refere-se ao processo criativo existente, tanto do ponto de vista material, mais limitado, como da perspetiva de espaço de criação e de envolvimento de ideias:

“(…) os PI sempre foram um espaço muito importante de convívio e preparação de materiais. Isto é, ir arranjar cartões aos supermercados, fazer os cartazes, pintar, e depois ficávamos 20 pessoas a escrever algumas coisas acutilantes do ponto de vista político, outras parvas. Esse sempre foi um espaço importante de convívio e até de

debate político. (...) Acho que nós sempre pensámos nisto como um espaço que envolve as pessoas na cena do 'faz o teu próprio cartaz'." [Pedro, dos Precários Inflexíveis]

Ou seja, existe um envolvimento coletivo, de grupo, que promove a que cada indivíduo contribua ativamente em tal processo, o que resulta em ideias próprias da pessoa que cria. Como no caso da ambiência dos protestos de rua, isto ocorre num ambiente informal, pouco ou nada controlado, e a linguagem que dele resulta reflete essa disposição. Nesta lógica, Cristina, das PR, mencionou que na GR existia uma base inicial de palavras de ordem aquando a discussão de linhas gerais para cada manifestação, mas que depois cada cartaz "era desenvolvido pela pessoa que o levava." Já Leonor, ativista dos PI, refere que a criação de palavras de ordem para o QSLT acontecia "se calhar numa noite à volta de copos", em que se encontram a "dizer coisas para o ar", surgindo assim, na sua opinião, uma "linguagem muito mais informal também porque o ambiente propicia a isso."

É neste sentido que no processo de criação de um cartaz, que envolvia alguma forma de prática estética, a própria criatividade surgisse de momentos de improvisação, como refere a ativista Sandra:

"(...) [As ideias surgem] na altura. Estás a pintar e, 'é pá, e agora?' E às vezes estamos com menos criatividade. Pronto, há dias e dias." [Sandra, dos Precários Inflexíveis]

Todo este processo surge da vontade dos ativistas em construir mensagens que promovessem uma ideia de criatividade, atratividade e reinvenção. Pois que tipo de imagens queriam estes ativistas produzir? O que tencionavam passar aos indivíduos que se deparassem com os seus cartazes e murais? Ora, este processo revela-se tanto numa dinâmica interna e de grupo, como na mensagem para o exterior. No que diz respeito ao primeiro caso, Pedro refere-se à necessidade – inconsciente, parece – de os ativistas dos PI se reinventarem:

"Aliás, nós próprios às tantas já estamos fartos e estamos sempre a inventar palavras de ordem novas, sempre a reinventar para procurar coisas novas." [Pedro, dos Precários Inflexíveis]

Segundo o ativista, isto resulta de uma certa repetição na forma como são expostas as mensagens, realçando que, para além disso, sempre serve o propósito, para ele, de "nos estimularmos a nós próprios."

Quanto à mensagem para o exterior, isto é, nomeadamente para as pessoas que participavam nos protestos ou que poderiam vir a participar de alguma forma na

reivindicação, a parte visual era fundamental. A concepção de murais em ruas – algo mais frequente no período entre 2011 e 2013 – entra, para Sandra e os PI, na estratégia de criar uma mensagem que seja visualmente atrativa, referindo a ativista que, “na verdade, o que queremos nos cartazes e nos murais que fazemos é que a pessoa passe na rua e seja inevitável ver.” Existia assim uma preocupação estética, na medida em que se revelava fundamental criar uma empatia entre o cartaz ou o mural, e o indivíduo que repara neles. Esta mensagem potencialmente atrativa tinha como objetivo a agregação de uma oposição e, deste modo, a criação de uma certa identidade coletiva, ao invés de, como pode aparentar a crítica direta a uma entidade como o governo, servir apenas como uma mensagem para tal entidade.

Por outro lado, compreender o processo criativo em protestos como o 15/Set é sempre restritivo quanto à sua totalidade, já que, como foi referido anteriormente, um dos aspetos principais destes movimentos foi a participação nas manifestações de indivíduos não pertencentes, de modo formal, a qualquer organização, e que traziam de casa os seus próprios cartazes. Esta situação é assinalada pela ativista Cristina:

“(...) [No QSLT] as 20 pessoas que debatiam eventualmente a faixa ou a comunicação não conheciam de lado nenhum as 500 mil pessoas que saíram à rua. Estas juntavam-se à causa, mas traziam as suas próprias palavras de ordem, os seus próprios cartazes, a sua própria indignação...” [Cristina, das Panteras Rosa]

Contudo, como foi possível verificar pela análise de imagens, a maioria dos cartazes, que pertenceriam a indivíduos sem qualquer ligação formal aparente, revelava-se simples e sem recursos materiais proeminentes.

Tendo isto em conta, é interessante o contraste do processo criativo dos ativistas e dos restantes indivíduos com o dos sindicatos. Como deu para perceber pelas entrevistas, os recursos materiais dos sindicatos são mais diversos, havendo, segundo Ângela, da área da IPS, uma “reprodução central” enviada para as uniões, que depois fazem a distribuição pelos sindicatos. Este processo permite assim estabilidade na criação de cartazes ou panfletos.

Por outro lado, os ativistas têm tendência a criticar a linguagem sindical, tanto na comunicação geral, como, mais especificamente, em manifestações. Cristina, fazendo o contraste com uma linguagem que se desejava atrativa para protestos da GR e do QSLT, critica frases de cartaz dos sindicatos como «Queremos melhores salários», dizendo que “não chama, não cria relação, não te faz querer lá estar.”

Esta linguagem repetitiva relaciona-se com vários fatores já aqui expostos, como a responsabilidade e expectativa institucionais, ou a existência de um público-alvo estabelecido e menos jovem. Como explica José, o que para os sindicatos é mais

tido em conta, em última análise, é a mensagem política que se quer fazer passar, ao invés da preocupação com aspetos criativos e inovadores no discurso:

“Mas você diz-me: ‘é pá, mas isto é repetitivo; no 1.º de Maio tiveram essa, agora no dia 3 vão ter quase a mesma’ (...). Mas pronto, às vezes também vem da capacidade de imaginação. Mas a capacidade de imaginação tem de estar um pouco sujeita e subordinada a passar a mensagem política.” [José, da coordenação da União dos Sindicatos de Lisboa]

A clareza da mensagem – como se verá posteriormente – é, aqui, o fator dominante da criação de frases ou cartazes. Daí tal subordinação, que resulta da responsabilidade comunicacional e que, em última análise, promove um discurso mais cuidado, isto é, que procura seguir as mesmas linhas gerais, expectáveis pelas plataformas externas e internas às organizações sindicais. O processo criativo encontra-se assim mais constringido, sendo que é da criatividade, surgida através da informalidade institucional por parte de movimentos como o QSLT, que emerge, também, um discurso mais humorístico, que será explorado de seguida.

#### **4.2.5 A UTILIZAÇÃO DO HUMOR NAS MANIFESTAÇÕES: UTILIDADE, FUNÇÕES E IDENTIDADE**

Em Budapeste, numa manifestação organizada pelo partido satírico Cão com Duas Caudas, cerca de 2 mil manifestantes protestaram contra o governo húngaro exibindo cartazes que continham frases como: ‘Chega desse absurdo chamado democracia’, ou “Abaixo a imprensa, abaixo a educação”<sup>9</sup>. O objetivo era intencionalmente irónico, de modo a expor, de uma forma extremada e original, visões e comportamentos alegadamente autoritários por parte do governo. São difíceis de perceber quais os efeitos políticos de uma manifestação como esta, mas é inevitável o facto de que a notícia de tal protesto chegou, pelo menos, a vários meios de comunicação social em Portugal, isto é, possuiu uma capacidade mediática internacional que uma manifestação mais formal possivelmente não possuiria.

No âmbito de um protesto, isto remete ao humor duas dimensões: (i) o seu carácter satírico e denunciador, (ii) e a capacidade de atrair, através do seu discurso informal e aparentemente inadequado, não apenas a atenção de outros manifestantes, mas também a atenção da própria comunicação social. Neste sentido, a análise de imagem de cartazes permitiu perceber o carácter atrativo que este tipo de mensagens possui – pelo seu humor, criatividade e informalidade.

Esta ideia é confirmada por alguns dos ativistas, sendo propositada a tentativa de conceber cartazes atrativos, aspeto já explorado no capítulo anterior. E tal atração

---

<sup>9</sup> <https://goo.gl/jWuwye>

visual e discursiva diz também respeito ao público-alvo. Referindo-se ao público jovem que se procurou que se aproximasse à causa, e aproveitando para fazer uma comparação com a linguagem dos sindicatos, Leonor, dos PI, fala da vantagem de um discurso pautado com humor:

“Há coisas que podem ser engraçadas, que podem ser feitas, que devem ser feitas, porque isso também chama a atenção, e chama a atenção de um grupo (...), que são os jovens. Porque raramente a comunicação que vemos é feita para jovens; é feita para velhos de setenta anos que viram sempre aquilo... não é feito para as pessoas.”  
[Leonor, dos Precários Inflexíveis]

Existe assim a ideia de uma relação entre discurso humorístico e um público jovem, o que essencialmente, como é evidente, não se encontra relacionado com uma eventual falta de humor dos mais velhos; refere-se, antes, a uma forma discursiva mais original, não tanto apegada a frases e comportamentos formalizados ao longo do tempo, e a qual, deste modo, encontra nas gerações mais jovens uma maior partilha de identidade.

Nesta lógica, também Cristina, das PR, se refere ao humor e às suas vantagens, novamente existindo a comparação com os sindicatos:

“Acho que é muito eficiente. Acho que é muito mais fácil tu ríres-te com a política e, a partir daí, criares uma oposição, uma indignação, algo que te relaciona com a crítica a algo que queres combater, ou implementar, do que utilizares, sei lá, as frases específicas nos sindicatos: ‘Melhores salários!’ Sim, nós queremos melhores salários...” [Cristina, das Panteras Rosa]

Aqui, pois, é reforçada a ideia de identidade, construída neste caso a partir de uma oposição e do «riso» perante os comportamentos e discursos dos opositores/dominadores. Neste sentido, num protesto de rua o discurso humorístico pode promover uma dinâmica de identidade coletiva, e conseguir, de forma eficaz, compartilhar indignações ou ideias cujas referências – isto é, propriedades para perceber o que faz da piada uma piada – se encontram partilhadas pela maioria dos indivíduos do grupo.

Mas este discurso, paradoxalmente, parece surgir da falta de clarificação de objetivos. No 11/Mar, o segundo grande protesto do QSLT que contou com as ‘marés’, o objetivo – mais clarificado neste protesto, de resto – das mensagens de cada uma era fazer ver às pessoas de qual se tratava, apresentando de uma forma geral os problemas principais que se referiam a ela, e, desse modo, procurar juntar as pessoas que queriam participar. Segundo Miguel, organizador da Maré da Saúde, este tipo de cartazes não se revelou tão cómico – apesar da tentativa, ressalva o próprio, de serem

esteticamente atrativos –, mas tinham antes o objetivo de identificar, de forma mais nítida, de que maré se tratava:

“Não, acho que o cartaz não era humorístico. Quer dizer, não era propriamente um cartaz típico (...), a ideia do cartaz era dar a conhecer um protesto que estava relacionado com a saúde.” [Miguel, do Sindicato dos Médicos e da Maré da Saúde]

No protesto anterior, o 15/Set, tal organização não existia, e assistiu-se, por parte dos organizadores, a uma linguagem que não se preocupava senão em mostrar o seu desagrado perante as políticas executadas e as suas consequências no país.

Regressando mais propriamente ao poder de divulgação do humor, a utilização deste depende da utilidade que apresenta em cada contexto. Sandra, dos PI, refere que antes, nomeadamente até ao começo dos grandes protestos de anti-austeridade, era comum sucederem-se ações simbólicas por parte dos PI, muitas vezes pautadas com humor. Isto revelava-se útil para chamar a atenção de outros indivíduos para aspetos sociais como o da precariedade, temática que se mostrava, de uma forma geral, pouco interiorizada na sociedade. Um exemplo dessas ações que Sandra descreve poderá ser a que envolveu a criação de milhares de papelinhos, arremessados, pelos elementos da organização, num centro comercial em Lisboa, com frases a assinalar situações precárias e benefícios de entidades empresariais e do Estado. A ativista classificou esta ação simbólica como tendo – a exemplo de outras – um “piquinho de humor”.

Mas se é certo que serviu uma utilidade na altura – a de conseguir fazer chegar a um número relevante de pessoas questões relativas a tais problemas –, esta ação, para o mesmo tema, seria hoje em dia desnecessária. Tomando como exemplo a temática da precariedade, e uma vez que ao longo do tempo o conceito de precário se foi interiorizando na sociedade e no debate público, a ativista defende que tais ações simbólicas – e o humor associado a elas – já não se revelam úteis para a mesma temática, referindo que os PI se encontram, atualmente, “noutro patamar”:

“Quer dizer, hoje em dia toda a gente sabe... as pessoas têm noção do que é a precariedade, quais são as limitações, quais são as condições que te fazem ser precário (...). Não consigo imaginar humor associado a isto, porque é uma oportunidade incrível o que está a acontecer, tens que ser claro. Podes ainda ter coisas informais do género ter um discurso para ‘ti’, na segunda pessoa do singular, ou coisas que não a tornam formal e pesada, mas tem de ser informação clara, não é com torneados e ironias.” [Sandra, dos Precários Inflexíveis]

Assim, como forma de comunicação, não é de estranhar que o humor tenha apenas eficácia em determinados contextos. No âmbito político, se tais contextos

forem largamente divididos, por um lado, na necessária divulgação e compreensão pública de um problema social, e, por outro, no âmbito formal em que tal problema é suscetível de ser resolvido (e.g.: discutido em Parlamento), o humor pode ter um papel interessante no primeiro, e, no entanto, um papel bastante limitado no segundo. O caráter socialmente gravoso de um problema como o da precariedade, neste caso, que lida com questões pessoais e sociais preocupantes, não impede que se faça humor com ele, já que a vantagem disto é precisamente a possibilidade de, publicamente, divulgar o problema com maior eficácia. Por outro lado, quando esse mesmo tema se encontra já interiorizado no âmbito público, sendo inclusivamente discutido pelas instituições políticas de modo a ser solucionado, o humor encontra a sua barreira, porque a utilidade que antes possuía já não existe mais. Aqui, o humor usufrui da sua utilidade nos que não têm voz na sociedade, isto é, nos que não têm um modo mais formal e preponderante para se fazerem ouvir, e que procuram, à margem de tal poder institucionalizado, chamar a atenção para determinada situação. A partir do momento em que essa batalha é ganha, o humor pode adquirir até uma dimensão perigosa: a de deslegitimar a seriedade do problema, se este se encontra já num patamar de decisão. Mas mais do que esse perigo, trata-se essencialmente da falta de utilidade e, conseqüentemente, de eficácia; a função social do humor, neste contexto, deixa de existir, e entram em jogo outras formas de comunicação, mais formalizadas, sérias e institucionais. Mais do que ações simbólicas humorísticas e criativas, é a clareza da mensagem que, a partir desse momento, se revela primordial.

Neste sentido, a distinção destes movimentos com os sindicatos revela-se uma vez mais interessante. Ângela, da CGTP, admite que, apesar do humor ter características importantes quanto a um determinado processo de reflexão, este pode desvirtuar a clareza da mensagem que se quer fazer passar:

“Nós não falamos só para aqueles que compreendem o que estamos a dizer. Nós temos que falar para todos, aqueles que conhecem mais, conhecem menos, que percebem mais, que percebem menos... A ironia serve por vezes propósitos extraordinários, porque nos faz pensar na coisa por uma outra perspetiva, mas a nível de clareza de passagem de mensagem não sei se será o mais positivo.” [Ângela, da área da Informação e Propaganda Sindical, da CGTP]

Já José, o outro elemento da CGTP, admite também a falta de aposta numa linguagem mais criativa e humorística por parte dos sindicatos, sublinhando, porém, a vantagem que tal discurso poderá ter na discussão de um problema e chegando até a dizer que, sendo que a organização apresenta dificuldades nessa matéria, poder-se-ia, no futuro, “investir mais nisso.”

Em conclusão, o humor deteve assim uma vasta utilidade no período em questão, aspetos que em boa medida – com maior ou menor intensidade – se verificam nas conclusões retiradas por Romanos (2013) no seu estudo sobre os Indignados, em Espanha. Ora, a utilização profícua do humor em Portugal ajudou (i) à divulgação de determinados problemas no âmbito público e social; (ii) a criar e a alimentar uma cultura de protesto contra violência, baseada em disposições positivas e otimistas, com uma comunicação exterior menos conflituosa; (iii) a que os ativistas sentissem a necessidade de reinventar a sua linguagem, os seus cartazes e a sua comunicação; (iv) a criação de uma oposição baseada num discurso de ridicularização do poder institucional; (v) e, por último, destaque para o auxílio que tal discurso – fosse dirigido para a oposição ou para a sua própria situação individual ou social – deu à criação de uma identidade de grupo de resistência e oposição, em relação ao poder institucional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que a liberdade criativa e humorística encontra-se correlacionada com vários conceitos. Entre outros, tem-se primeiramente o caráter institucional, que, como se viu, detém influência na expectativa comunicacional, tanto externa como interna, sendo que uma maior responsabilidade institucional tende a promover uma linguagem e um comportamento que se encontram limitados às práticas comuns e/ou históricas da organização. Se o exemplo dos sindicatos serve como contraponto evidente, a falta de caráter institucionalizado ajudou a promover uma liberdade de discurso por parte de movimentos como o QSLT, albergando, em si, milhares de pessoas não ligadas, formalmente, a qualquer tipo de organização ativista ou política.

Outra das influências que também se confirma é a dos objetivos /planeamento futuro para cada movimento e manifestação. Se estes se revelarem mais concretos e virados para a concepção de um determinado paradigma coletivo, o discurso tenderá a revelar-se mais dirigido, e a identidade de grupo tornar-se-á mais estável e articulada. Por outro lado, um menor estabelecimento de objetivos institucionais futuros e coletivos – que, de resto, se encontra também relacionado com o seu grau de institucionalismo –, como foi o caso do QSLT e, ainda em maior grau, da GR, encontra uma identidade mais centrada na oposição e resistência, e em que são criadas condições para que o discurso – ainda que num espaço partilhado de reivindicação – se revele mais poliédrico, com uma identidade de grupo baseada em pilares de resistência e oposição.

Ora, tal identidade e discurso dos NMS baseiam-se em grande parte, no período entre 2011 e 2013, numa linguagem peculiarmente humorística e criativa, como é confirmado, em especial, pela análise de imagens do 15/Set. Para além disso, verificou-se que o humor é útil na divulgação de um determinado problema para a comunicação social – que valoriza o discurso informal e menos usual, procurando assim reportá-lo – e para indivíduos que ainda não o tenham percecionado do mesmo modo, e na criação de uma identidade coletiva e de um discurso geral mais personalizado. Por outro lado, encontra o seu limite – isto é, a sua utilização torna-se menos proveitosa – numa plataforma mais institucionalizada, em termos políticos e sociais, à qual um discurso de alguma forma humorístico arrisca a descaracterização da temática em questão.

As conclusões retiradas para esta investigação referem-se ao momento histórico, político e social do período entre 2011 e 2013, em Portugal, não significando que tais tendências se verifiquem noutra contexto temporal e/ou espacial. Mas são

visíveis as propensões colectivas e estruturais – com tais atores políticos e reivindicativos – que apontam para uma maior liberdade discursiva e humorística mediante a existência e o grau de tais conceitos.

Neste contexto, o humor demonstrou o seu papel como arma de divulgação e partilha identitária, detendo características fortes de criatividade. Não sendo analisado aqui o papel de artistas nos movimentos em questão, é de realçar, por parte dos elementos associativos e dos indivíduos que informalmente participaram nas manifestações, a inclinação para o uso, em grande medida, de um discurso criativo e informal, que ajudou à criação de uma identidade de resistência. A utilização do humor e da criatividade como uma arma poderá ser, para certos contextos, proveitosa na atualidade reivindicativa, com destaque para o sindicato, que poderia aliar uma linguagem sindical, repleta de conceitos que os sindicalistas consideram ainda hoje pertinentes, com alguma informalidade discursiva – da qual o humor faz parte –, promovendo assim a comunicação com outros grupos, nomeadamente a população mais jovem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alonso, Angela (2009), "As Teorias dos Movimentos Sociais: um balanço do debate", *Lua Nova*, 76, 49-86.

Alves, Teresa Costa (2013), "Média, movimentos sociais e democracia participativa: As mensagens políticas nos cartazes da manifestação de 15 de Setembro de 2012", *Estudos em Comunicação*, n.º 14, pp. 123-136.

Anagondahalli, Deepa & Sahar Khamis (2014), "Mubarak Framed! Humor and Political Activism before and during the Egyptian Revolution", *Arab Media & Society*, 19.

Bardon, Adrian (2005), "The Philosophy of Humor", in Maurice Charney (ed.), "Comedy: A Geographic and Historical Guide", Connecticut, Greenwood Press.

Barker, Colin (2001), "Fear, Laughter, and Collective Power: The Making of Solidarity at the Lenin Shipyard in Gdansk, Poland, August 1980", in Jeff Goodwin, James M. Jasper & Francesca Poletta (eds.), "Passionate Politics: Emotions and Social Movements", Chicago, University of Chicago Press.

Baruah, Trisha Dowerah (2012), "Effectiveness of social media as a tool of communication and its potential for technology enabled connections: A micro-level study", *International Journal of Scientific and Research Publications*, 2, 5 (ISSN 2250-3153).

Beavers, Staci L. (2011), "Getting Political Science in on the Joke: Using The Daily Show and Other Comedy to Teach Politics", *PS: Political Science and Politics*, 44, 2, 415-419.

Bergson, Henri (1978), "Le Rire", Paris, Presses Universitaires de France.

Bradley, Will & Charles Esche (eds.) (2007), "Art and Social Change. A critical reader", London, Tate Publishing.

Bruner, M.L. (2005), "Carnavalesque Protest and the Humorless State", *Text and Performance Quarterly*, 25, 136-155.

Bryman, Alan (2008), "Social Research Methods", Oxford, OUP.

Camargo, João (2014), "Não à Troika em Portugal: movimentos e resistências", *Ágora*, 1, 2, pp. 135-154.

Costa, Hermes Augusto (2004), "A UGT e a CGTP perante a integração europeia: A confirmação de um sindicalismo dual", Coimbra, Centro de Estudos Sociais.

Cardoso, Gustavo & Sandro Mendonça & Tiago Lima & Miguel Paisana & Marta Neves (2014), “A Internet em Portugal”, OberCom, Investigação e Saber em Comunicação.

Cardoso, Gustavo & Sandro Mendonça & Miguel Paisana & Pedro Caldeira Pais & João Sousa (2016), “Notícias, ‘Fake News’ e Participação Online”, OberCom, Investigação e Saber em Comunicação.

Dias, Hugo & Lídia Fernandes (2016), “A greve geral de novembro de 2012 e os protestos anti-austeridade – análise a partir do caso português”, *International Journal on Working Conditions*, 11, pp. 37-54 (ISSN 2182-9535).

Dibben, P. (2004), “Social movement unionism”, in M. Harcourt & G. Wood (eds.), “Trade unions and democracy”, Manchester, Manchester University Press.

Estanque, (1999), “Acção colectiva, comunidade e movimentos sociais: para um estudo dos movimentos sociais de protesto público”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 55, pp. 85-111.

Estanque, Elísio & Hermes Augusto Costa (2013), “O sindicalismo europeu no centro do vulcão: desafios e ameaças”, *Janus-Anuário de Relações Exteriores*, 16, pp. 176-177.

Estanque, Elísio (2014), “Rebeliões da classe média? Precariedade e movimentos sociais em Portugal e no Brasil (2011-2013)”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 103, pp. 53-80.

Davies, C. (2007), “Humour and Protest: Jokes under Communism”, *International Review of Social History*, 52, 291-305.

Feldman, Lauren (2007). “The News about Comedy: Young audiences, The Daily Show, and Evolving Notions of Journalism”, *Journalism*, 8, 406.

Fine, G. A. (1983), “Sociological Approaches to the Study of Humor”, in Paul E. McGhee & Jeffrey H. Goldstein (Eds.), “Handbook of Humor Research”, New York, Spenger-Verlag.

Fonseca, Dora (2010), “Sindicalismo de Movimento Social em Portugal: Contributos da relação entre a CGTP e os Movimentos Sociais de Precários para a renovação do Sindicalismo Português”, *O Cabo dos Trabalhos*, 4, pp. 1-13.

Fonseca, Daniel Esperança Monteiro de (2014), “O papel das Relações Públicas na modernização dos sindicatos portugueses. Novos e velhos movimentos sociais.”, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Covilhã, Universidade da Beira Interior.

Foot H. & McCreddie M. (2006), “Humour and Laughter”, in Hargie O. (Ed.), “The Handbook of Communication Skills”, London, Routledge (3<sup>rd</sup> edition).

Goodchilds, J. D. & E. E. Smith (1964), "The Wit and His Group", *Human Relations*, 17, pp. 23-31.

Gordon, Mordechai (2014), "Humor, Laughter and Human Flourishing. A Philosophical Exploration of the Laughing Animal", London, Springer.

Gusfield, Joseph R. (Ed.) (1970), "Protest, Reform, Revolt: A Reader in Social Movements", New York, John Wiley & Sons.

Hall, Jeffrey A. (2013), Humor in Long-Term Romantic Relationships: The Association of General Humor Styles and Relationship-Specific Functions with Relationship Satisfaction, *Western Journal of Communication*, 77, 3, pp. 272-292.

Hiller, Harry (1983), "Humor and hostility: A neglected aspect of social movement analysis", *Qualitative Sociology*, 6, 3, pp. 255-265.

Kugler, Lisa & Christof Kuhbandner (2015), "That's not funny! – But it should be: effects of humorous emotion regulation on emotional experience and memory", *Frontiers in Psychology*, 6, 1296, pp. 1-7.

Kuipers, Giseline (2008), "The Sociology of Humor", in Victor Raskin & Willibald Ruch (eds.) (2008), "The Primer of Humor Research", Berlin/New York, Mouton de Gruyter.

Kurzman, Charles (2008), "Meaning-Making in Social Movements", *Quarterly Volume*, 81, 1, pp. 5-15.

Kutz-Flamenbaum, Rachel (2014), "Humor and Social Movements", *Sociology Compass*, 8, 3, pp. 294-304.

Laer, Jeroen Van & Peter Van Aelst (2010), "Internet and social movement action repertoires", *Information, Communication & Society*, 13, 8, pp. 1146-1171.

LeBoeuf, Megan (2007), "The Power of Ridicule: An Analysis of Satire", *Senior Honors Projects*, 63.

Lima, Maria da Paz Campos (2015), "A reconfiguração do regime de emprego e de relações laborais em Portugal na ótica liberal", Observatório sobre Crises e Alternativas, Centro de Estudos Sociais.

Lussier, Bruno & Yani Gregoire & Marc-Antoine Vachon (2017), "The role of humor usage on creativity, trust and performance in business relationships: An analysis of the salesperson-customer dyad", *Industrial Marketing Management*, 65, pp. 168-181.

Morgan, A. (2010), "Discourse analysis: An overview for the Neophyte Researcher", *Journal of Health and Social Care Improvement*, 1, pp. 1-7.

Pais, José Machado (2014), "De uma geração rasca a uma geração à rasca: jovens em contexto de crise", em Carrano, P., Fávero, O. (Eds.), "Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais", Niterói, Editora da UFF.

Poletta, Francesca & James M. Jasper (2001), "Collective Identity and Social Movements", *Annual Review of Sociology*, 27.

Romanos, Eduardo (2012), "The strategic use of humor in the spanish indignados/15M movement", in *The Politics and Protest Workshop*, CUNY Graduate Center.

Romanos, Eduardo (2013), "Humor in the Streets: The Spanish Indignados", *Perspectives on Europe*, 43, 2, pp. 15-20.

Romero Eric J., & Kevin W. Cruthirds (2006), "The Use of Humor in the Workplace", *Academy of Management Perspectives*, pp. 58-69.

Sabucedo, J. M. & X. Vilas (2014), "Anger and Positive Emotions in Political Protest", *Universitas Psychologica*, 13, 3, pp. 829-838.

Scott, James C. (2013), "A dominação e a arte da resistência: discursos ocultos", Lisboa, Letra Livre.

Soeiro, José (2014), "Da Geração à Rasca ao Que se Lixe a Troika. Portugal no novo ciclo internacional de protesto", *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XXVIII, pp. 55-79.

Sombatpoonsiri, Janjira (2015), "Nonviolent action as the interplay between political contexts and 'insider's knowledge': exploring Otpor's preference for humorous protest across Serbian towns," in Kurt Schock (Ed.), "Civil Resistance: Process and Practice", Minnesota, University of Minnesota Press.

Sorensen, Majken Jul (2014), "Humorous Political Stunts: Nonviolent Public Challenges to Power", Doctor of Philosophy thesis, School of Humanities and Social Inquiry, University of Wollongong.

Speier, Hans (1998), "Wit and Politics: An Essay on Power and Laughter", *The American Journal of Sociology*, 103, 5, pp. 1352-1401.

Scheinberg, Marc & Michael Lounsbury (2008), "Social Movements and Institutional Analysis", in Royston Greenwood & Christine Oliver & Thomas B. Lawrence & Renate E. Meyer (Eds.), "The Sage handbook of organizational institutionalism", London, Sage.

Storck, Madeline (2011), "The Role of Social Media in Political Mobilization: a Case Study of the January 2011 Egyptian Uprising", Dissertation for the Degree of M.A. (Honours with International Relations), University of St. Andrews.

Tabacaru, Sabina (2015), "Uma visão geral das Teorias do Humor: aplicação da Incongruência e da Superioridade ao sarcasmo", *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 9, pp. 115-136.

Tancons, Claire (2014), "Occupy Wall Street: Carnival Against Capital? Carnavalesque as Protest Sensibility", in Pnina Werbner & Martin Webb & Kathryn

Spellman-Poots (Eds), "The Political Aesthetics of Global Protest. The Arab Spring and Beyond", Edinburgh, Edinburgh University Press.

Touraine, Alain (1985), "An Introduction to the Study of Social Movements", *Social Research*, 52, 4, pp. 749-787.

Waller, J. Michael (2006), "Ridicule as a Weapon", (online) *The Institute of World Politics*, White Paper no. 7 (Disponível em: <https://goo.gl/RFXbHb>).

Watson, Cate (2014), "A Sociologist Walks into a Bar (and Other Academic Challenges): Towards a Methodology of Humour", *SAGE*, 49, 3, pp. 407-421.

Wedeen, Lisa (2013), "Ideology and Humor in Dark Times: Notes from Syria", *Critical Inquiry*, 39, pp. 841-873.

Zelizer, Craig (2010), "Laughing our Way to Peace or War: Humour and Peacebuilding", *Journal of Conflictology*, 1, 2, pp. 1-9.

## ANEXOS

### Anexo A

#### Metodologia utilizada

Quadro 1 – Exemplo da análise de um cartaz do 15/Set (Imagem 1.)



<b>Identificação</b>	Imagem 1.	Identificação e dimensão prática do discurso
<b>Local</b>	N/A	
<b>Conteúdo</b>	“Há uma linha que separa a honestidade dos políticos”	
<b>Design do cartaz</b>	Pequeno, simples e criativo	
<b>Objetivo</b>	Cartaz com teor humorístico que pretende criticar a classe política	
<b>Indivíduo(s) na imagem/contexto importante</b>	Jovem do sexo feminino	
<b>Instituição</b>	Não pertencente a qualquer movimento para além do QSLT	

<b>Tipo de humor/ linguagem</b>	Crítica recorrendo a uma referência publicitária	Significado discursivo
<b>Significado</b>	Partindo de um anúncio televisivo conhecido, que cunhou a expressão “há uma linha que separa”, esta jovem criticou a desonestidade e o caráter da classe política e dos políticos. Partindo do contexto de anti-austeridade e de dificuldades também para os jovens, destaca o que considera ser a falta de honestidade por parte dos atores desta classe	

<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/uGhGTt">https://goo.gl/uGhGTt</a>
-----------------------	-----------------------------------------------------------

## Imagens da análise discursiva: identificação e hiperligação

### Imagens do 15/Set (Protesto do *Que se Lixe a Troika*)

	<b>Identificação</b>	Imagem 2.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/vNCfPi">https://goo.gl/vNCfPi</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 3.
	<b>Local</b>	N/A
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/YUeQL5">https://goo.gl/YUeQL5</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 4.
	<b>Local</b>	N/A
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/U2Zbxk">https://goo.gl/U2Zbxk</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 5.
	<b>Local</b>	N/A
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/d9Y3P9">https://goo.gl/d9Y3P9</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 6.
	<b>Local</b>	N/A
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/oWsiGr">https://goo.gl/oWsiGr</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 7.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/qistKP">https://goo.gl/qistKP</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 8.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/sL4MLj">https://goo.gl/sL4MLj</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 9.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/Jh83Kf">https://goo.gl/Jh83Kf</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 10.
	<b>Local</b>	Viseu
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/8mfBN8">https://goo.gl/8mfBN8</a>

## Imagens do 14/Nov (Greve Geral dos Sindicatos)

	<b>Identificação</b>	Imagem 11.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/wwKg4X">https://goo.gl/wwKg4X</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 12.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/HikiwL">https://goo.gl/HikiwL</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 13.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/bj9fCB">https://goo.gl/bj9fCB</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 14.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/au8VCB">https://goo.gl/au8VCB</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 15.
	<b>Local</b>	Lisboa
	<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/xF3x8c">https://goo.gl/xF3x8c</a>

	<b>Identificação</b>	Imagem 16.
<b>Local</b>	Lisboa	
<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/VvaVTW">https://goo.gl/VvaVTW</a>	

	<b>Identificação</b>	Imagem 17.
<b>Local</b>	Lisboa	
<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/td7H4B">https://goo.gl/td7H4B</a>	

	<b>Identificação</b>	Imagem 18.
<b>Local</b>	Lisboa	
<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/GDjvCv">https://goo.gl/GDjvCv</a>	

	<b>Identificação</b>	Imagem 19.
<b>Local</b>	Lisboa	
<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/WG94wV">https://goo.gl/WG94wV</a>	

	<b>Identificação</b>	Imagem 20.
<b>Local</b>	Lisboa	
<b>Link da imagem</b>	<a href="https://goo.gl/J1w9aV">https://goo.gl/J1w9aV</a>	

## Guiões das entrevistas semi-estruturadas<sup>10</sup>

### Guião 1 – Entrevistas a elementos dos NMS participantes na *Geração à Rasca* e no *Que se Lixe a Troika*

#### I – Percurso e perfil do entrevistado

1. A que tipo de associações pertences ou pertenceste? E, de forma breve, pedia-te que me falasses um pouco do teu trajeto como ativista, em especial na fase anti-austeridade até aos dias de hoje.
2. Nomeadamente, qual é/foi o teu papel no processo criativo das manifestações?
3. Do ponto de vista de quem pensa e executa um cartaz ou uma mensagem reivindicativa criativa, qual é que achas que deve ser o seu objetivo?

#### II – Mobilizações, redes sociais (comunicação), linguagem

4. Na tua opinião, as redes sociais tiveram que tipo de papel nos movimentos/protestos anti-austeridade, nomeadamente entre 2011 e 2014?
5. Consideras que poderia ter havido consequências destes protestos com, por exemplo, a constituição de um partido político?
6. Consideras que devia ter havido uma melhor organização local?
7. As pessoas que foram a esses protestos, de uma forma geral, pareciam ser contra várias coisas, como a precariedade, incerteza no futuro, desemprego, ou a austeridade de uma forma geral. Consideras, no entanto, que havia algum objetivo político e social que todos queriam alcançar, ou era mais um espaço muito abrangente de revolta e indignação?
8. Qual era a relação entre estes movimentos e os sindicatos/centrais sindicais?
9. Consideras que nunca a houve preocupação por parte do movimento de se institucionalizar? E, se sim, consideras que isso foi uma coisa boa?
10. Consideras que de facto as pessoas foram aos protestos da GR e do QSLT mais por uma questão de mera expressão de indignação ou emocional?
11. Achas que as emoções, como a raiva ou a indignação, são fundamentais num protesto? Ou consideras que é melhor haver uma visão mais positiva e alegre?

#### III – Humor, discurso e liberdade discursiva

---

<sup>10</sup> Sendo semi-estruturadas, e tendo a estrutura permanecido a mesma para cada entrevistado, a sequência das perguntas foi algumas vezes alterada ao longo de cada entrevista, bem como, pontualmente, algumas questões foram previamente modificadas, acrescentadas ou retiradas de acordo com a pessoa entrevistada, o seu percurso e o seu contributo para os movimentos.

12. De que forma foram decididos e organizados os cartazes que produziram para a GR ou a QLT?
13. Achas que espaços próprios para criatividade são importantes para um discurso de protesto de rua? Porquê?
14. Porque é que acha que o QLT ou a GR tiveram cartazes mais originais em comparação, nomeadamente, com as manifestações/greves gerais organizadas pelos sindicatos?
15. Há uns tempos aconteceu uma manifestação na Hungria, contra o governo, que ficou marcada por um discurso bastante irónico, como “Queremos que o governo nos oprima mais!”. Em que medida achas que um discurso reivindicativo assim é positivo? Do ponto de vista mediático? Achas que esta ironia tem um efeito de mudança efectiva?
16. Achas que o humor e a criatividade dos cartazes podem ter um papel importante num protesto? Ou o humor desvirtua a mensagem que se quer fazer passar?

## **Guião 2 – Entrevistas a elementos da CGTP participantes em protestos entre 2011 e 2013**

### **I – Percurso e perfil do entrevistado**

1. Pedia-lhe que me falasse um pouco sobre o seu trajeto profissional e sindical e, nomeadamente, o papel que tem hoje em dia como responsável pela área da Informação e Propaganda Sindical.
2. Na prática, em que medida e em que áreas é que o seu departamento/união influencia os sindicatos?

### **II – Mobilizações, redes sociais (comunicação), linguagem**

3. Quais é que diria serem as mudanças do ambiente actual dos sindicatos, em relação à fase anti-austeridade?
4. Na sua opinião, as redes sociais tiveram que tipo de papel nos movimentos/protestos anti-asusteridade, nomeadamente entre 2011 e 2014?
5. Considera que a CGTP e os sindicatos, de uma forma geral, não precisam das redes sociais e de plataformas tecnológicas para disseminar a sua mensagem?
6. Concorda com as afirmações de que o sindicalismo em Portugal detém uma linguagem formalizada e monótona?

7. Qual é a autonomia que os vários sindicatos possuem da CGTP para elaborar os cartazes que levam às greves/manifestações?
8. Do ponto de vista mediático, não considera que uma mudança de linguagem nos cartazes, para uma linguagem mais criativa, não seria benéfico para os sindicatos? Por exemplo como uma forma de chamar à atenção os próprios meios de comunicação social.
9. Considera que ao longo dos anos a CGTP tem tido a preocupação de modificar a sua linguagem sindical, ou tem tido mais uma estratégia de consolidação de uma mesma linguagem?
10. Na fase anti-austeridade, qual era a relação entre estes movimentos e os sindicatos/centrais sindicais?
11. Uma das activistas referiu-se ao aspeto catártico dos protestos da GR e do QLT por parte das pessoas. Acha que de facto elas foram aos protestos mais por uma questão de mera expressão de indignação ou emocional?

### **III – Humor, discurso e liberdade discursiva**

12. As pessoas que foram a esses protestos, de uma forma geral, pareciam ser contra várias coisas, como a precariedade, incerteza no futuro, desemprego, ou a austeridade de uma forma geral. Considera, no entanto, que havia algum objetivo político e social que todos queriam alcançar, ou era somente um espaço muito abrangente de revolta e indignação?
13. Falando ainda disso, acha que as pessoas sindicalizadas tinham objetivos mais concretos do que as outras pessoas que se juntaram a um protesto como o do QLT?
14. Neste sentido, considera que o facto de muitas pessoas nesse protesto estarem apenas contra alguma coisa, sendo que os sindicalistas poderiam ter objetivos mais concretos do que havia a melhorar, acha que isso refletiu-se numa linguagem mais humorística e criativa por parte das pessoas do QLT, e uma linguagem mais concreta e directa por parte dos sindicalistas?
15. Há uns tempos aconteceu uma manifestação na Hungria, contra o governo, que ficou marcada por um discurso bastante irónico, como “Queremos que o governo nos oprima mais!”. Em que medida acha que um discurso reivindicativo assim é positivo? Do ponto de vista mediático? Acha que esta ironia tem um efeito de mudança efectiva?

## Anexo B – Grelhas analíticas das entrevistas e conceptualizações

Quadro 2 – Grelha analítica das entrevistas a elementos ligados a NMS

	Ativista	Idade	Organizações <sup>11</sup>	Institucionalismo das organizações/ manifestações	Planeamento/ recursos	Humor	Criatividade	Ambiente nos protestos/ formas de estar em manifestações
Elementos de NMS e manifestações da GR ou QSLT	<b>Cristina</b>	31	Panteras Rosa (PR); Geração à Rasca (organizadora)	<p>“(…) [A GR] era um protesto “vazio”, era um protesto que queria mostrar que a precariedade existia e que éramos muitos.”</p> <p>“O QSLT foi diferente. O QSLT surge porque há uma série de pessoas que já estava envolvida politicamente (…)”.</p>	<p>“(…) [no QSLT] as 20 pessoas que debatiam a faixa ou a comunicação não conheciam (…) as 500 mil pessoas que saíram à rua. As 500 mil pessoas (…) traziam as suas próprias palavras de ordem, os seus próprios cartazes, a sua própria indignação…”</p>	<p>“Acho que é muito fácil tu te rires com a política e a partir daí criares uma oposição, uma indignação, algo que te relaciona com a crítica a algo que queres combater (…)”</p>	<p>“Nós temos uma base inicial de palavras de ordem (...). Mas depois cada cartaz é desenvolvido pela própria pessoa que o leva.”</p> <p>“(…) [sobre frases de sindicatos] ‘queremos melhores salários’ (...), não chama, não cria relação, não te faz querer lá estar.”</p>	<p>“(…) [Os protestos] foram uma forma quase catártica de sair à rua (...). No dia seguinte a um protesto havia um balão que desinchava. E (...) isso permitiu também que o governo não caísse (...)”</p>
	<b>Pedro</b>	29	PI	<p>“(…) [o QSLT] não tem ‘institucionalidade’ nenhuma. (...) Havia uma liberdade bastante clara dos participantes, que (...) não tinham de consultar organismos. Portanto, não era uma plataforma de modo formal.”</p>	<p>“(…) os PI sempre foram um espaço (...) de convívio e para preparação de materiais (...), ir arranjar cartões aos supermercados, fazer os cartazes, pintar (...) envolve as pessoas na cena do ‘faz o teu próprio cartaz’.</p>	<p>“E a verdade é que o humor faz parte [do protesto], tanto da parte da catarse, como da parte da ridicularização (...). Acho que tem esses dois sentidos.”</p> <p>“(…) o ‘Vai estudar Relvas!’ é interessante, mas não vale de muito.”</p>	<p>“Aliás, nós próprios às tantas já estamos fartos e estamos sempre a inventar palavras de ordem novas, (...) a reinventar para procurar coisas novas.”</p> <p>“(…) se aparecerem 20 pessoas diferentes vão aparecer 100 mensagens diferentes.”</p>	<p>“Nós tentámos sempre que uma manifestação fosse uma coisa divertida para as pessoas, e que as palavras de ordem tivessem coisas (...) fortes, e outras cómicas também.”</p>

<sup>11</sup> Organizações a que pertenciam no período analisado, para além de todos terem participado ativamente na GR e no QSLT.

<b>Leonor</b>	32	PI	<p>“[No QSLT] acho que havia objetivos concretos. Ao contrário (...) da GR, que era mais de protesto e que não tinha propriamente um guião político, digamos assim (...)”</p>	<p>“(...) [No QSLT] tentámos, com as marés (...), dividir aquilo por áreas, dar a entender que havia diversos projetos ali, (...) que aquilo não era só uma massa esquisita de pessoas que se juntava. Acho que isso teve sucesso na altura (...)”</p>	<p>“(...) [O humor] chama a atenção de um grupo, principalmente, (...) que são os jovens. Porque raramente a comunicação é feita para jovens; é feita para velhos de setenta anos (...)”</p>	<p>“(...) é como nós criamos as palavras de ordem: é se calhar uma noite à volta de copos e estamos a dizer coisas para ao ar, (...) e é uma linguagem muito mais informal (...), também porque o ambiente propicia a isso.”</p>	<p>“(...) [No QSLT] as pessoas sentiam que aquele era o espaço delas, (...) que podiam tornar aquilo seu, sem receio, e que estavam a contribuir de certa forma.”</p>
<b>Sandra</b>	34	PI	<p>“Os sindicatos têm uma mensagem institucional, não é? (...) também há uma diferença de nós [PI] não termos propriamente de responder [a ninguém].”</p>	<p>“(...) a nossa cena é recolher cartões (...), montamos a coisa, pintamos o fundo e pintamos o texto.”</p> <p>“Para nós não faz sentido ter os cartazes todos iguais.”</p>	<p>“(...) Nós [PI] fazíamos muito mais coisas simbólicas [com humor] (...). Durante muito tempo tinhas de chamar a atenção. (...) Mas nos últimos tempos não tem havido... nós estamos noutra patamar.”</p>	<p>“(...) [As ideias surgem] na altura (risos). Estás a pintar e, ‘é pá, e agora?’”</p> <p>“(...) e às vezes estamos com menos criatividade. Pronto, há dias e dias.”</p>	<p>“Um protesto não tem de ser uma coisa pesada. Pode ser uma coisa forte, com energia (...), porque também te permite criar laços e ter outro ânimo para fazer coisas.”</p>
<b>Miguel</b>	33	Maré da Saúde (QSLT); Elemento da direcção do Sindicato dos Médicos;	<p>“[O QSLT] não seguiu uma forma mais continuada de organização (...)” “(...) essas estruturas [sindicatos] têm dinheiro, têm um objetivo que as faz existir de uma forma permanente, e é lhes mais fácil capitalizar essa forma de protesto.”</p>	<p>“Fomos buscar um amigo de alguém que era designer. Depois fomos buscar (...) os recursos dos sindicatos dos enfermeiros para imprimir os cartazes...”</p>	<p>“Não, acho que o cartaz não era humorístico. Quer dizer, não era propriamente um cartaz típico.”</p> <p>“(...) a ideia do cartaz era dar a conhecer um protesto que estava relacionado com a saúde.”</p>	<p>“(...) as ideias do que pôr nos cartazes foram decididas em grupo.”</p> <p>“No cartaz, em si, não houve propriamente nenhuma originalidade.”</p>	<p>“Acho que o QSLT mobilizou, foi uma coisa brutal do ponto de vista de mobilização de pessoas.”</p>

**Quadro 3 – Grelha analítica das entrevistas de elementos ligados a sindicatos (CGTP-IN)**

	<b>Sindicalista</b>	<b>Idade</b>	<b>Cargo</b>	<b>Institucionalismo</b>	<b>Comunicação interna/ externa</b>	<b>Planeamento/ recursos</b>	<b>Humor/ criatividade</b>
Elementos da CGTP	<b>José</b>	51	Elemento da coordenação da União de Sindicatos de Lisboa (USL) e da direcção da CGTP	“(…) nós temos responsabilidades, ou seja, temos responsabilidades para com aqueles que mobilizamos, e conhecemos quem mobilizamos.”	“(…) a linguagem directa com os trabalhadores, as reuniões nos locais de trabalho, os plenários... esse é o nosso campo, e nunca nos deslumbrámos com grandes eventos com grandes coisas, mas procurámos sempre que esse espaço continuasse intacto (...)”	“E ninguém limita coisa nenhuma. Posso-lhe afiançar que o desafio que fazemos é que os próprios trabalhadores façam as suas pancartas...”	“Muitas vezes são os próprios trabalhadores que dinamizam palavras de ordem, por muito que às vezes nós digamos que não se possam utilizar...”  “[O humor] é bem aceite em todo o lado. E a comunicação social está atenta a esses fenómenos e mudanças de comportamento.”
	<b>Ângela</b>	38	Elemento da área da Informação e Propaganda Sindical e da direcção da CGTP	[sobre a sua área] Daqui sai toda a propaganda central. Desde campanhas de sindicalização, que decidimos centralmente, a documentos orientadores para manifestações, acções nacionais, tudo aquilo que de alguma forma agregue o movimento sindical no seu todo.”	“Não acho que seja estática [a linguagem para o exterior]. Até porque aquilo que fazemos sair a cada momento é fruto de uma discussão colectiva (...)”  “(…) é uma linguagem de resistência, de apelo à luta, de mobilização, de união, e de facto temos esta linha condutora.”	“Para prepararmos ao máximo a luta vamos ouvir o que diz a nossa estrutura de base, (...) vai-nos dizer ‘nós temos aqui luta para estas matérias, são estas as nossas reivindicações, são estas as palavras de ordem que estamos a pensar’ (...)”	“A ironia serve por vezes propósitos extraordinários, porque nos faz pensar na coisa por uma outra perspectiva, mas a nível de clareza de passagem de mensagem, não sei se será o mais positivo.”  “(…) a clareza de mensagem e a compreensão que nós precisamos que o povo tenha daquilo que queremos dizer é muito importante.”

**Quadro 4<sup>12</sup> – Características gerais das organizações e dos indivíduos como agentes políticos e reivindicativos, no contexto de um movimento social e manifestação.**

	<b>Institucionalismo</b>	<b>Objetivos das manifestações</b>	<b>Ideologia política/social</b>	<b>Organização/Planeamento</b>	<b>Linguagem</b>	<b>Tipo de cartazes</b>
<b>Sindicatos/ Centrais Sindicais</b>	Institucionalismo bastante vincado; responsabilidade institucional e negocial com os centros de poder.	Bastante concretos; fazer pressão social e política; legitimar a negociação política laboral; uma agenda institucional.	Intenções ideológicas vincadas e reconhecíveis publicamente.	Bastante organizados e com a possibilidade de controlar as pessoas que vão às manifestações representar os sindicatos; variados recursos materiais.	Mais formal; com mais «chavões»; mais directa/séria.	Similares uns aos outros; normalmente largos e cuidados.
<b>Associações cívicas/ NMS</b>	Pouco institucionalizados ; pouca influência formal no processo tecnocrata e político.	Concretos para cada manifestação; fazer pressão política; uma agenda pouco institucional.	Intenções ideológicas claras, eventualmente menos reconhecíveis publicamente.	Boa capacidade de organização, embora controlem pouco as pessoas que vão às suas manifestações; recursos materiais mais limitados.	Que procura ser criativa e atraente; simbólica; linguagem mais informal e, por vezes, humorística.	Mais variados (tendencialmente 'pancartas'); largos e mais curtos, embora normalmente menos cuidados do que os dos sindicatos.
<b>Indivíduos participantes não pertencentes a qualquer organização</b>	Nenhuma institucionalização ou responsabilidade formal.	Variados; identificáveis em manifestações mais pequenas e concretas, e mais dificilmente identificáveis em manifs. maiores.	Variada; dificilmente identificável em cada indivíduo, e como colectivo.	Nenhum papel na organização/planeamento; recursos próprios e limitados.	Linguagem tendencialmente simbólica e informal/humorística; mensagens políticas contra governo/Troika.	Pouco cuidados e mais simples; normalmente mais curtos; maior utilização de elementos lúdicos (e.g.: máscaras).

<sup>12</sup> As conclusões expostas neste quadro resultam da análise de imagens e de entrevistas, bem como de reflexão teórica baseada na bibliografia utilizada.